

Azul Terracota

*Urbanização, Narrativa e
Memória no Sacomã*

Mateus Merighi Cuconato

Azul Terracota

*Urbanização, Narrativa
e Memória no Sacomã*

Mateus Merighi Cuconato

Banca Examinadora

Orientadora:

Profª Drª Ana Cláudia Scaglione Veiga de Castro

Convidadas:

Profª Drª Joana Mello de Carvalho e Silva

Profª Drª Amália Cristóvão dos Santos

Agradecimentos

À minha primeira orientadora, Flávia Brito do Nascimento, pela recepção e apostila no começo do meu trabalho.

À minha orientadora, Ana Castro, por ter aceitado dar continuidade, pelo impulso na retomada do trabalho, ampliando o que havia sido construído.

Às professoras Joana Mello e Amália Santos, que aceitaram fazer parte da minha banca examinadora.

À minha família, meus pais, Christiane e Renato, e minhas avós, em especial a Valdira, a primeira a plantar em mim o interesse pelas memórias do Sacomã. Agradeço pelo amor e carinho que me motivaram durante todos os dias da minha vida.

Aos meus amigos da juventude da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, presença divina, que me confirmam cada vez mais, a cada semana, que “Pertencimento é Redenção acessível”.

Aos amigos que fiz durante a graduação, em especial Hudynne e Bárbara, que me abriram os olhos para muitas coisas e me ajudaram em diversos momentos de crescimento.

À Elaine, Camila e Mariana, amigas que a música me trouxe, que me ensinam muito sobre a vida, cada uma à sua maneira.

Às funcionárias do Serviço de Conservação do Museu Paulista, Fabíola, Barbara e Tatiana, que durante dois anos me acolheram e trocaram muitas experiências sobre o trabalho de quem lida diariamente com o patrimônio histórico material.

Aos entrevistados neste trabalho, Laerte, Lenis, Valdira, Décio e Yara, pela vontade de contribuir, pela recepção e abertura dadas a mim e à minha pesquisa.

palavras chave

Sacomã; Urbanização;
Fontes históricas; Narrativa Urbana;
Memória; Exposição.

Apresentação

Este Trabalho Final de Graduação resulta da junção de duas operações investigativas, distintas e complementares, que trataram de compreender os processos históricos de ocupação e transformação urbana na região do Sacomã, situada na parte sudeste da cidade de São Paulo, na divisa com a região do ABC Paulista.

No título do trabalho, a menção às cores azul e terracota representam dois edifícios significativos na história do Sacomã: o Terminal de Ônibus e a Indústria Cerâmica. Representam também dois tempos que não coexistiram, mas que são colocados aqui lado a lado como símbolos da urbanização da região, determinando e sendo determinados pela transformação e em certos aspectos manutenção de características urbanas próprias do Sacomã.

Azul e terracota direcionam assim os dois movimentos principais da pesquisa: o levantamento de fontes históricas organizadas sob uma leitura crítica e que pretendeu construir uma narrativa possível para a história da região; e a mobilização da memória de alguns indivíduos, realizada após o levantamento historiográfico, por meio de depoimentos e entrevistas. Ambas as operações também são convidadas a coexistir, lado a lado, sem o propósito de verificação da “verdade”, da reconstrução do passado “tal como ele foi”, mas buscando identificar mais de uma forma de compreensão desse passado.

A estrutura está dividida em três partes. Na primeira, se apresentam as fontes históricas e a narrativa construída a partir delas, apoiada em um conjunto de mapas confeccionados durante a pesquisa. Na segunda, estão descritas algumas lembranças de indivíduos que se relacionaram com o Sacomã ao longo de suas vidas. E finalmente, apresenta-se uma proposta de mobilização dessas histórias em um projeto expositivo.

Introdução

motivações e hipóteses

A idealização do trabalho surgiu de uma relação afetiva e identitária com a região do Sacomã. Apesar de morar em um bairro fora do recorte espacial da pesquisas, frequentar o lugar como passageiro do terminal de ônibus, como pedestre na Rua Silva Bueno e, mais do que isso, ouvir pequenas histórias de familiares e amigos mais velhos que lá viveram, contribuíram para que eu formulasse hipóteses que acompanharam a construção dessa pesquisa.

A primeira dessas hipóteses foi a de que o Sacomã tivesse algo que o destacava das regiões vizinhas, como o bairro do Ipiranga e o ABC Paulista, e que, apesar dos antigos vínculos com estas regiões, reconhecidos na extensão de uma forma de urbanização, na presença de imigrantes e migrantes, numa certa identidade operária, tal destaque era perceptível em relatos de pessoas próximas, indicando a possibilidade de uma identidades própria do Sacomã.

Seguindo essa direção, o trabalho também se sustenta na ideia de que o lugar não possui autonomia dentro da historiografia da cidade de São Paulo - não foi alvo de pesquisas que o particularizem. Tomando como exemplo o “Caderno de Bairro” do vizinho Ipiranga, publicado pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH), em 1979, é possível perceber que tal bairro teve que fazer um movimento de consolidação de uma certa “unidade” e se desvincular da Vila Mariana e do Cambuci, para ser entendido, hoje, mais do que como a delimitação administrativa no mapa, como um “bairro”, com aquilo que podemos compreender do Ipiranga, a partir de suas características mais marcantes.

Pode-se afirmar com pouca margem de contestação que o local, durante os séculos XVI, XVII, XVIII e metade do XIX, para o paulista de então, era uma região obscura que medeava entre o Cambuci, que ele conhe-

cia bem por suas frondosas chácaras e São Bernardo, com um núcleo de influência razoável. Jabaquara e Santo Amaro, importantes centros minerais, de um lado, e a várzea sempre inundada dos rios Tamanduateí - Ipiranga e Cupecê -, de outro, completavam o contorno. Portanto, toda a vasta região entre esses pontos era para ele praticamente Ignota, apesar de obrigatoriamente palmilhá-la para chegar a Santos.

(BARRO; BACELLI, 1979, p. 16)

Entretanto, para além de promover a autonomia do Sacomã, por meio de suas questões identitárias, percebi que era também preciso entender -- e talvez mais importante fosse -- como alguns dos antigos vínculos e das relações de trabalho, lazer e outros usos da cidade que o Sacomã compartilha com as regiões vizinhas e que aparecem tanto nos documentos históricos, quanto nas palavras dos entrevistados.

Sacomã na metrópole

O recorte espacial desta pesquisa não coincide com a denominação do Distrito do Sacomã, pertencente ao município de São Paulo, delimitado pela divisa com os municípios do ABC Paulista (São Caetano e São Bernardo do Campo) e com os distritos do Cursino e do Ipiranga. Também não coincide com o bairro Sacomã, originalmente chamado Vila Sacoman, que, como veremos, foi um dos primeiros incentivos à ocupação na região, ainda na virada do século XX.

As legislações mais antigas do município de São Paulo apresentavam uma única região administrativa do Ipiranga. Apenas em 1991 ocorre uma subdivisão, e são criados os distritos do Cursino e do Sacomã. O Distrito do Sacomã abriga hoje mais de 200.000 habitantes, em uma área de 14 km², ocupado por vetores de

urbanização de diversos momentos históricos. Alguns loteamentos já estavam presentes nos mapas da década de 1930, como a Vila das Mercês e a Vila Livieiro, mas sua ocupação se dá efetivamente em um momento mais recente, principalmente ao sul do distrito, próximo a São Bernardo do Campo. Por isso, ao tratar de outras regiões como o Heliópolis e o bairro de São João Clímaco, a pesquisa seguiu com o entendimento de que, possivelmente, estas regiões têm características diferentes do Sacomã, seja pela distância espacial, seja pelo processo de transformação da malha urbana de São Paulo naquela região.

O bairro do Sacomã corresponde ao loteamento de terras compradas pelo italiano Américo Samarone na Região Sul de São Paulo, entre a Estrada das Lágrimas e o Caminho do Mar, antes pertencentes à família Saccoman, instalada naquela região entre as décadas de 1890 e 1920. A primeira cartografia encontrada que mostra o traçado das ruas do bairro Sacomã data de 1928, elaborada pela Repartição de Águas e Esgotos de São Paulo.



*Planta da Cidade de São Paulo, 1928.
Acervo Arquivo Histórico Municipal*

Portanto, quando o nome “Sacomã” aparecer no texto, não estarei falando nem do Distrito, nem do bairro do Sacomã. Também houve o cuidado de usar a palavra “região”, pois ela pode dar conta de um recorte que circunda mais de um bairro, mas não se estende por todo o Distrito. No andamento da pesquisa considerei o recorte indicado na imagem ao lado, que coincide com os primeiros votores de ocupação do lugar, também destacados no mapa. No curso do trabalho, foi possível perceber para onde esse recorte se estendia, à medida em que a pesquisa se aprofundava nas relações espaciais e urbanas entre o Sacomã e seus vizinhos.



Dois caminhos

Inicialmente, quando atinei com a ideia de articular fontes históricas documentais como mapas, periódicos etc. e relatos individuais sobre o Sacomã, minha intenção era sobrepor as informações coletadas, tratando ambos como fonte documental, sempre de mesma natureza. Nessa operação, os relatos de pessoas idosas, “vividas”, viriam para preencher aquilo que não estava presente nos jornais, na cartografia e nas imagens. Se assim fosse, poderia dar conta de escrever uma história mais precisa, mais abrangente, mesmo sabendo que nunca estaria completa.

O levantamento de mapas e documentos foi um exercício historiográfico muito interessante. A organização sistemática e a leitura crítica desse levantamento possibilitaram contextualizar o Sacomã na história da cidade, entender sua inserção urbana e as consequências dessa urbanização, resultando na narrativa apresentada a seguir. Sintonizados com ela, os mapas confeccionados para este trabalho constituem outra forma de organizar e apresentar as diversas fontes, outro modo de pensar e ler o espaço urbano do Sacomã.

Entretanto, com o avanço da pesquisa, percebi que o discurso de “preencher lacunas” perdia força, à medida em que a mobilização das lembranças dessas pessoas me interessava mais. Ouvir os relatos era um exercício diferente de comparar duas cartografias, mesmo que o problema colocado fosse o mesmo. Por isso, algumas leituras foram fundamentais para entender como o trabalho se construía em duas frentes distintas -- tomando tais relatos também como documentos, mas de outra natureza. As duas mais relevantes nesse sentido são de autores que, no século XX, estiveram inseridos em um momento de revisão de conceitos essenciais para o trabalho dos historiadores, revisitando e ampliando certas ideias e práticas historiográficas.

A primeira é o texto do historiador francês Jacques Le Goff (1988), que trata dos documentos históricos e seus discursos. Questionando a neutralidade das fontes históricas e historicizando o próprio conceito de *documento*, Le Goff insere a necessidade de análise crítica de todos os tipos de acervo, levando em consideração como seu conteúdo foi resultado da instrumentalização pelo poder.

O segundo é o trabalho da psicóloga Eclea Bosi (1979) sobre memórias de velhos. Em sua introdução, ela também traça um panorama histórico das definições de *memória*, passando por alguns autores importantes, como Halbwachs e Bergson, para enfim ler a memória como um processo laboral, um esforço de reconstrução, que ao invés de trazer discursos organizados e registrados, admite (por sua própria natureza) lacunas, imprecisões, exageros.

Vale ressaltar brevemente a importância de outros autores na fundamentação de conceitos que nortearam a pesquisa: Santos (2016) e Trevisan (2018) apostam na leitura e confecção de cartografias, associadas às imagens, como uma forma interessante de pensar a cidade. Sob a ótica do patrimônio, Atique (2016) estuda os blogs e a criação de discursos sobre a história que escapam às agendas oficiais. Meneses (1992) colabora com a ideia de *memória trabalho*, mostrando que ela é uma atitude inteiramente situada no presente, respondendo ao presente. Finalmente, Halbwachs (1950) cunha o termo *memória coletiva*, estudando como o sujeito pode refletir e representar, pela memória, os grupos aos quais está inserido, alimentando desde então todos aqueles interessados nas fronteiras e interpenetrações entre memória e história.

Entendi, então, que haviam dois caminhos, e que eles não precisariam essencialmente se misturar, salvo para aquele que lê o trabalho. Apresentados lado a lado, seriam como operações distintas, que colaboram cada uma à sua maneira no entendimento do passado. Por isso, tomo como verdade que essa é *uma narrativa histórica possível*, uma leitura dentre muitas outras. Também é verdade que a memória não tem outro papel, senão contribuir no trabalho dando vozes às pessoas.



*fotos: Google Street View
acesso em 12/11/2018*

Índice

Terracota

- fontes mobilizadas, p. 21**
bibliografia, 22
cartografia e iconografia, 23
blogs, 26
- uma operação:
narrativa histórica, p. 28**
argila, 28
industrialização, 30
moinhos, 31
a primeira lagoa, 34
terra, 36
samarone, 39
urbanização, 39
linha fábrica, 44
tijolo e telha, 45
1954, 49
a segunda lagoa, 49
expansão, 51
o terminal, 53

Azul

- outra operação: memória. p. 81**
transcrições, p. 86
Lenis e Valdira, 87
Laerte, 107
Décio, 119

Verde

- Figueira das Lágrimas. p. 133**
narrativa, 133
últimas notícias, 137
- transcrição, p. 139**
Yara, 139
- sentidos de patrimonialização, p. 148**

anexo: mapas, p. 57

anexo: projeto expográfico, p. 150

anexo: blogs, p. 71

considerações finais, p. 158
referências bibliográficas, p. 160



parte 1: **Terracota**

**Telha do tipo Marsehesa (Francesa), do estabelecimento
Saccoman Frères, em St. Henri, Marselha**

disponível em: <http://acrokeramo.blogspot.com/2012/12/>

Fontes mobilizadas

Neste capítulo, são apresentadas as fontes históricas utilizadas na construção da narrativa sobre o Sacomã: bibliografia, cartografia, iconografia e blogs. A intenção não é apenas fazer um levantamento extensivo de informações, mas pensar uma organização de um discurso de algum modo coeso sobre o passado desse lugar, ou seja, uma história do Sacomã. Mas também, é interessante entender que nenhuma dessas fontes está isenta de ser lida como um discurso. Em outras palavras, todas elas estão carregadas de intenções, segundo o contexto em que foram produzidas. A partir daí, veremos como cada uma das fontes analisadas pôde contribuir com a leitura do processo de urbanização, de acordo com a sua natureza.

Jacques Le Goff (1988) é um dos autores que descarta a neutralidade dos documentos históricos. Historicizando o significado e a abordagem dos historiadores sobre os seus materiais, desde o final do século XIX, Le Goff percebe como o termo vai se alargando, à medida em que o conceito positivista de *documento* deixa de ser suficiente, até chegarmos no limite da concepção de que é possível “reconhecer em todo o documento um monumento”. (LE GOFF, 1988, p. 545). Em outras palavras, reconhecer a instrumentalização dos documentos pelos interesses de quem o produziu no passado e a partir daí, ler seu conteúdo. Isso não significa descartá-los, mas justamente historicizá-los, levando em conta também as suas próprias condições de produção.

Em paralelo a esse movimento, os computadores possibilitaram outra abordagem dos documentos. Com a aceleração do processamento de dados, a organização dos documentos seriais - listas, catálogos, recenseamentos - tornou-se muito mais fácil e rápida. Nessa revolução da informática, como veremos adiante, podemos incluir também os sistemas de buscas por palavras em periódicos, bem como o desenvolvimento das tecnologias de geoprocessamento e escaneamento de mapas históricos, ressaltada por Amália Santos (2014). Nesse sentido, o pensamento linear de uma fonte histórica que leva ao fato histórico dá lugar a uma operação historiográfica descontínua, ampliada que valoriza cada dado em seu contexto, a memória coletiva, o patrimônio cultural. (LE GOFF, 1988, p. 542).

A despeito da facilidade com que os números e as quantidades podem ser

processados, Le Goff lembra da função crítica do historiador, em detrimento de sua função científica. Mesmo que seja possível levantar uma infinidade de dados e transformá-los em documentos -- operação que ele chama de *história quantitativa* --, é necessário que o historiador desenvolva um questionamento sobre aquela série de informações sobre o passado. A história deve atuar sobre os documentos frente à um problema que se coloca. Há uma nova *erudição* que começa a se desenvolver nos historiadores, “capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica”. (LE GOFF, 1988, p.549)

O discurso da narrativa a seguir foi construído segundo o conceito alargado de documento histórico, considerando sua instrumentalização e o contexto nos quais estão inseridos e utilizando as ferramentas disponíveis para a elaboração de novas séries de cartografias. Para movimentar essas fontes, o problema colocado era entender e coordenar os principais elementos que poderiam constituir a narrativa, a partir das primeiras hipóteses levantadas no trabalho, contextualizando o Sacomã na história da cidade. Mesmo não trabalhando com grandes séries de dados, mesmo não tendo contato com documentos textuais tradicionais, de grandes fatos históricos, essa linha de pensamento estava colocada, inclusive porque -- com exceção dos textos de blogs, que salvo as diferenças, já apontaram para a operação da memória -- o discurso pode estar impregnado de forma mais sutil, dependendo da natureza da fonte histórica.

bibliografia

A bibliografia sobre o Sacomã, que comumente é vista como uma fonte secundária, mas aqui também tem um grau de fonte primária, apareceu na forma de entradas genéricas, esparsa e pouco organizada, ao menos do ponto de vista de uma “história de bairro” ou da construção histórica da urbanização de um lugar. Isso indicou a possibilidade de se buscar informações em fontes primárias,

principalmente na cartografia, mas também em outros documentos, iconografia, relatos de blogs e nos periódicos. Essa trajetória pelas fontes históricas indicou elementos e acontecimentos que possibilitaram uma construção narrativa para essa região, com a clareza de que existem outras formas de construir a história de um lugar.

Uma primeira abordagem mais aprofundada sobre a origem do Sacomã pode ser encontrada na edição 145 da *Revista do Historiador*, publicada pela Academia Paulista de História, que contém um texto do historiador Luiz Gonzaga Bertelli, escrito em 2009. Partindo de uma ideia de “pioneerismo” industrial (BERTELLI, 2009, p. 6), ainda que com algumas datas incertas, Bertelli tenta reconstituir a história desde a primeira ocupação da região, com a instalação do *Estabelecimento Cerâmico Saccoman Frères*, na década de 1890, até a atualidade. Para situar esta fábrica no contexto da industrialização paulista na virada do século XX, Bertelli recorre a J. C. Bellingieri, que ao desenhar um panorama da indústria cerâmica em São Paulo, cita a fábrica dos irmãos Saccoman (BELLINGIERI, 2003, p. 6), apesar de não se interessar especificamente pelo ramo da cerâmica de construção, no qual os franceses estavam inseridos.

Existem outros textos bastante similares ao de Bertelli, disponíveis em diferentes veículos. Entretanto, todos se fundamentam nos mesmos elementos urbanos para demarcar os períodos e não acrescentam mais informações sobre a ocupação do lugar durante o século XX.

cartografia e iconografia

Sendo assim, os mapas históricos surgiram, desde o início da pesquisa, como a principal fonte de informações sobre o passado do Sacomã. Com eles foi possível observar a distribuição das primeiras instalações, a velocidade de ocupação na região, suas relações com o Ipiranga e o ABC paulista e as transformações urbanas que ocorreram ali durante mais de um século.

O conjunto de fontes cartográficas engloba desde as plantas oficiais da cidade de São Paulo, elaboradas por diversas companhias e instituições durante o século XX, até desenhos com escalas menores, tratando da região especificamente, como mapas de aquisições de propriedade, demarcações de terras e projetos de loteamento. Em sua maioria, os mapas levantados nesse trabalho fazem parte do Acervo Histórico Municipal e do acervo de documentação do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

A possibilidade de confeccionar novos mapas a partir de imagens antigas mostra que a cartografia também permite criar discursos e análises da evolução urbana, da preservação de memórias e construção da história, assim como outros documentos históricos. Sobre isso, Amália Santos afirma:

Partindo do uso dessas fontes visuais – fotografias, pinturas, desenhos, mapas e outros – como documentos históricos em oposição a seu caráter ilustrativo, entendemos que também as novas formas de manipulação da cartografia devem ser utilizadas como possibilidades de reflexão sobre o território e não apenas como formas gráficas de representação de informações históricas no espaço.

O processo de análise, mapeamento e espacialização de dados históricos, portanto, não deve apenas complementar a investigação ou sobrepor-se a ela, e sim fazer parte da argumentação da pesquisa.

(SANTOS, 2016, p. 75)

Em conjunto com os mapas, algumas imagens puderam agregar elementos à pesquisa, além de se combinar a outros discursos que já existiam sobre o bairro, por parte das instituições, pelos jornais e até da própria Indústria Cerâmica. A partir de todos esses elementos surgiu o anexo desta primeira parte do trabalho. Ora, o exercício de justaposição desses conjuntos de cartografia/iconografia é semelhante ao exercício de construção do *atlas*.

Ao dividir seu processo de pesquisa sobre as cidades novas brasileiras, no

livro *Nebulosas do Pensamento urbanístico*, Ricardo Trevisan traz uma reflexão muito interessante sobre o conceito de atlas e como ele pode ser um outro ponto de vista sobre o passado. Para isso, Trevisan recorre a diversos exemplos na história, se distanciando do modelo clássico do atlas, criado no Renascimento. Essa coletânea de mapas, imagens e tabelas poderia ser tomada como uma potente forma visual de conhecimento, que se constrói pela comparação e sobreposição de tempos distintos, o que ele chama de *heterocronia*, abrindo caminhos para uma utilização objetiva - busca de informações - ou a uma operação imaginativa - o olhar amplo, com um método sem limites (TREVISAN, 2018, p. 57-58).

Atlas torna-se, assim, um instrumento, uma ferramenta de abertura às possibilidades ainda não experimentadas, cuja força-motriz é a imaginação. O atlas proporciona a obtenção do conhecimento pela imaginação. Imaginação presente no conhecimento transversal, no processo de montagem, desmontagem e remontagem. O atlas, portanto, não é um simples arquivo, mas uma ferramenta. [...] Uma ferramenta anacrônica ao admitir e trabalhar tempos heterogêneos. Uma ferramenta potencializadora de se ver e ler o tempo.

(TREVISAN, 2018, p. 59)

Seria interessante, então, ler o anexo das cartografias confeccionadas neste trabalho com um olhar crítico, que desmonta e remonta as informações, entendendo que também há um discurso por trás delas. Em outras palavras, essa seria a terceira operação do trabalho, para além da leitura historiográfica dos documentos e da mobilização da memória dos entrevistados.

blogs

Os textos de blogs e sites de bairro já caminham para a segunda parte do trabalho, pois se assemelham na sua forma às lembranças recolhidas nas entrevistas. Entretanto, optou-se que eles figurassem nessa parte do trabalho, colaborando com a ideia de construção de discursos em todas as fontes. Inclusive, é possível perceber uma semelhança na linguagem e no teor saudosista de alguns textos.

Essas postagens na internet estão separadas das entrevistas, pois há uma diferença fundamental: o fato de que a memória, ativada durante uma conversa, trabalha de forma não linear, até despreocupada de certo modo, como veremos mais adiante. Já nos blogs, as lembranças são dispostas segundo a organização de um texto, por pessoas que tiveram a intenção de publicá-lo. Por ser um produto final que exigiu uma preocupação maior com a coesão e a ordenação das palavras, ou seja, com o discurso apresentado, o texto de blog figura nesta parte.

Há um outro fator que fez com que as postagens fossem colocadas nessa parte do trabalho, apesar da influência que a memória dos autores exerceu sobre a escrita. Boa parte deles fez uma coletânea de textos, indicando uma preocupação com o processo de formação do bairro e a escrita de sua história. É o caso dos textos no Site São Paulo Minha Cidade e o texto de Laerte - um dos entrevistados - no blog Independência ou Morte.

Um trabalho que trata das publicações em blogs é o de Fernando Atique (2016), que as estuda sob a ótica da patrimonialização e da demolição do edifício do Palácio Monroe, no Rio de Janeiro. Em seu texto, esse suporte eletrônico é tratado como uma nova forma de periodismo - colocando lado a lado o blog e os veículos da imprensa -, onde a sociedade pode organizar suas representações sobre a arquitetura e por isso, sobre a cidade. (ATIQUE, 2016, p. 151). Isso é consequência do fato de que a internet é um suporte de discursos desses autores, exprimindo os mais diversos pontos de vista sobre a transformação urbana, sejam eles saudosistas, pessimistas, ou carregados de quaisquer outros sentimentos que possam ser projetados na imagem da cidade.

Mesmo que não tratemos literalmente dos sentidos de patrimonialização no Sacomã da mesma forma com que Fernando Atique estuda o caso do Palácio

Monroe, é importante olhar para esse novo suporte de produção textual e para seus usuários. Para isso, colocamos a mesma pergunta: “Como a arquitetura e as cidades foram vistas para além do ambiente de sua produção?” (ATIQUE, 2016, p. 150). Podemos então, exercitar a leitura dessas representações pessoais da cidade, expressas nos websites, e a partir daí, estender para outras fontes históricas, das mais semelhantes - os jornais, por exemplo-, às mais distintas - como a cartografia.

Uma operação: narrativa histórica

argila

A escolha do lugar onde os Saccoman instalaram sua olaria na cidade de São Paulo não foi incidental. Até 1895, os três irmãos, provenientes de Marselha, passaram por outros locais da cidade, procurando a argila que fosse mais adequada para a sua produção. Depois de buscas e testes na região oeste, foi na região sudeste de São Paulo que a encontraram, assim como outras famílias do ramo que também ali se estabeleceram, como relata José Hermes Pereira:

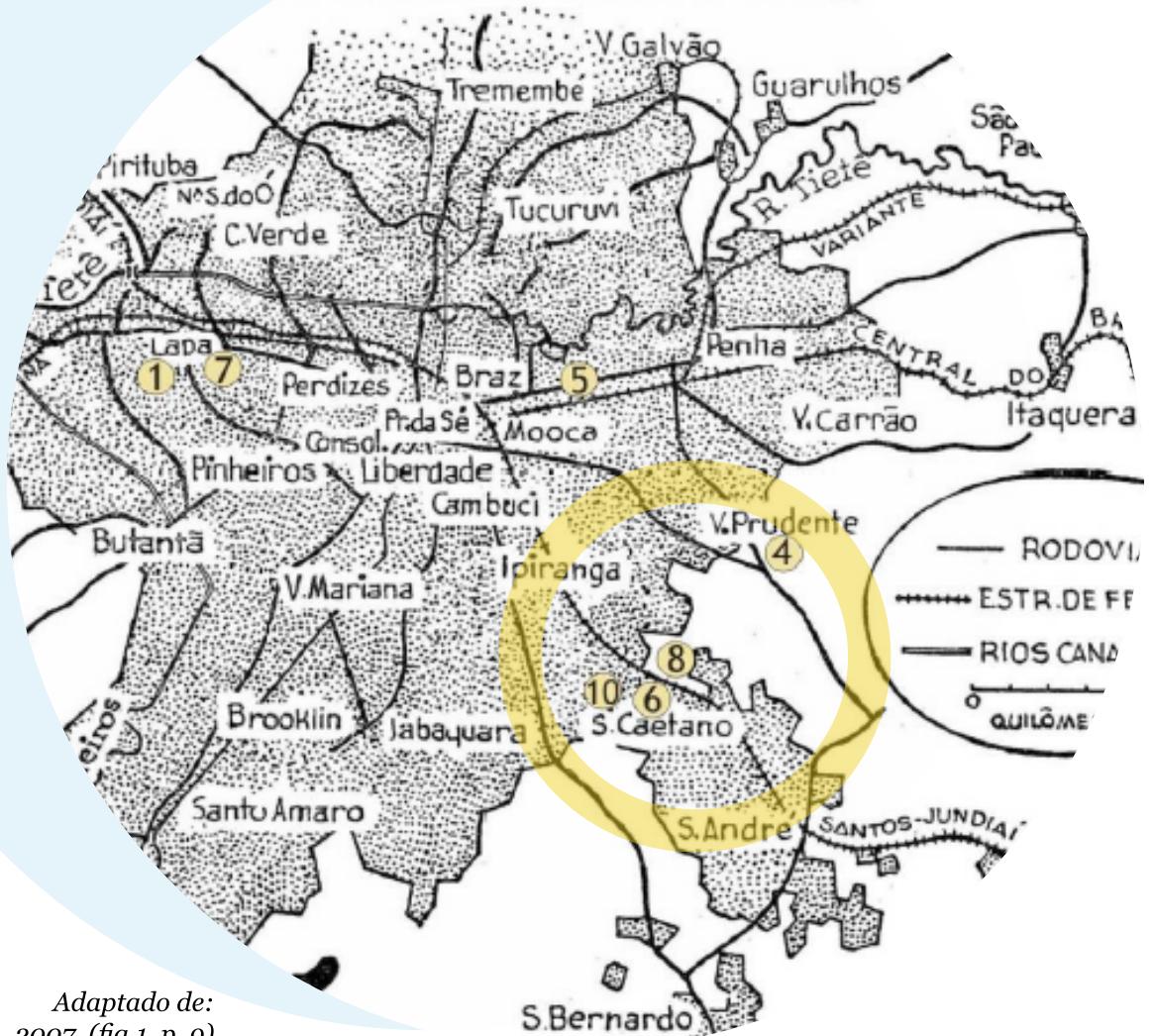
Indústrias que vão desde as olarias históricas onde se produziram os tijolos para a construção da Igreja da Sé até a Cerâmica São Caetano, a maior do gênero na América Latina, além de outras fábricas de louça de mesa fundadas no período posterior ao nosso recorte cronológico, tais como a Porcelana Santa Maria (1943), Cerâmica Itabrasil (1944) e Porcelana Monte Alegre (1945), entre outras.

(PEREIRA, 2007, p. 37)

No mapa a seguir, Pereira assinala as cerâmicas paulistas de louças domésticas, entre 1910 e 1940. Começa aqui uma demarcação, que depois será reforçada, de dois pontos de concentração para esses estabelecimentos: um na Zona Oeste da cidade, outro na região Sudeste da metrópole, sempre próximos aos cursos d'água e às jazidas de argila (BELLINGIERI, 2005, p. 7)

Se adicionarmos as principais cerâmicas de construção desse período - nesse ramo, a indústria dos Saccoman teria sido a primeira de grande porte a se instalar na cidade, seguida da cerâmica dos irmãos italianos Falchi, na Vila Prudente, e pela cerâmica de São Caetano -, fica ainda mais perceptível a concentração desse segmento da indústria paulista nessa região da metrópole.

SÃO PAULO E SEUS SULOS



Adaptado de:
PEREIRA, 2007. (fig.1, p. 9)

industrialização

No mesmo mapa, é possível perceber que os rios e as ferrovias também exercem atração sobre as indústrias. Sobrepondo a importância dessa infraestrutura de grande porte à informação de que boa parte dessas indústrias são de imigrantes europeus fornecendo para o mercado local, pode-se afirmar que os Saccoman estão inseridos no processo de modernização e comercialização dos novos produtos cerâmicos para a construção civil em São Paulo, durante a virada do século XX. No seu texto, entre datas incertas, Bertelli (2009) vê um pioneirismo nessas investidas industriais.

A primeira grande empresa destinada à produção cerâmica em São Paulo data de 1893, graças à visão empreendedora de três irmãos franceses que aqui chegaram antes mesmo de proclamada a República. [...] Antoine, Henri e Ernest Saccoman logo perceberam que a cidade lhes fornecia um mercado promissor.

(BERTELLI, 2009, p. 6)

Bellingieri (2005, p. 7), por sua vez, elenca quatro fatores importantes para o desenvolvimento da indústria cerâmica em São Paulo: crescimento populacional e aumento do mercado consumidor; mão de obra imigrante tecnicamente qualificada; disponibilidade de matéria prima; formação de capital investidor pelo café. Mesmo que interessado na indústria cerâmica de utensílios domésticos, Bellingieri assinala que os irmãos de Marselha foram protagonistas na expansão da produção cerâmica da cidade, firmando-se com o *Estabelecimento Cerâmico Saccoman Frères* e, a partir daí, instaurando novos níveis de produção em relação às antigas olarias.

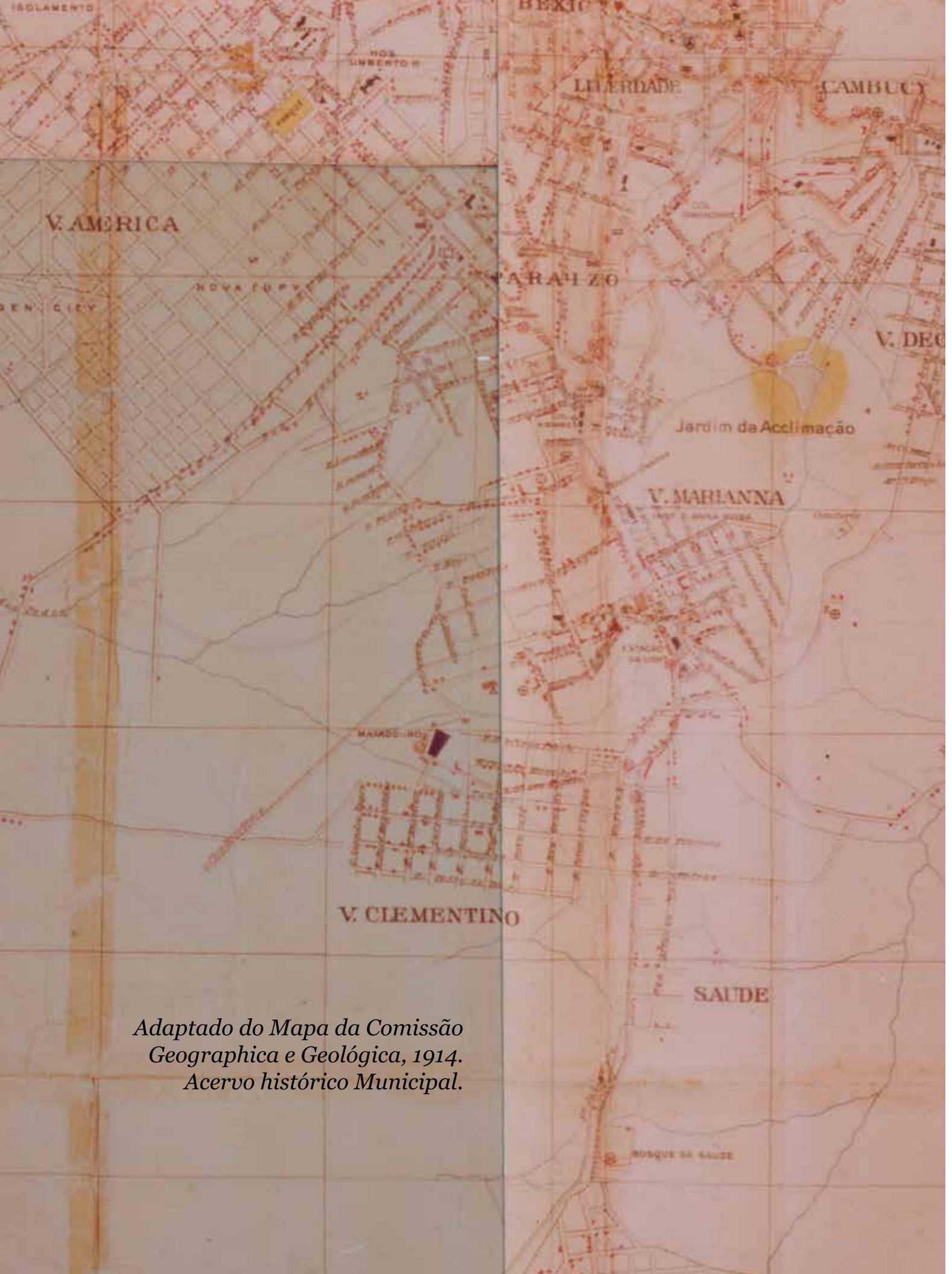


Henry, Antoine e Ernest Saccoman
(Bertelli, 2009, p. 7)

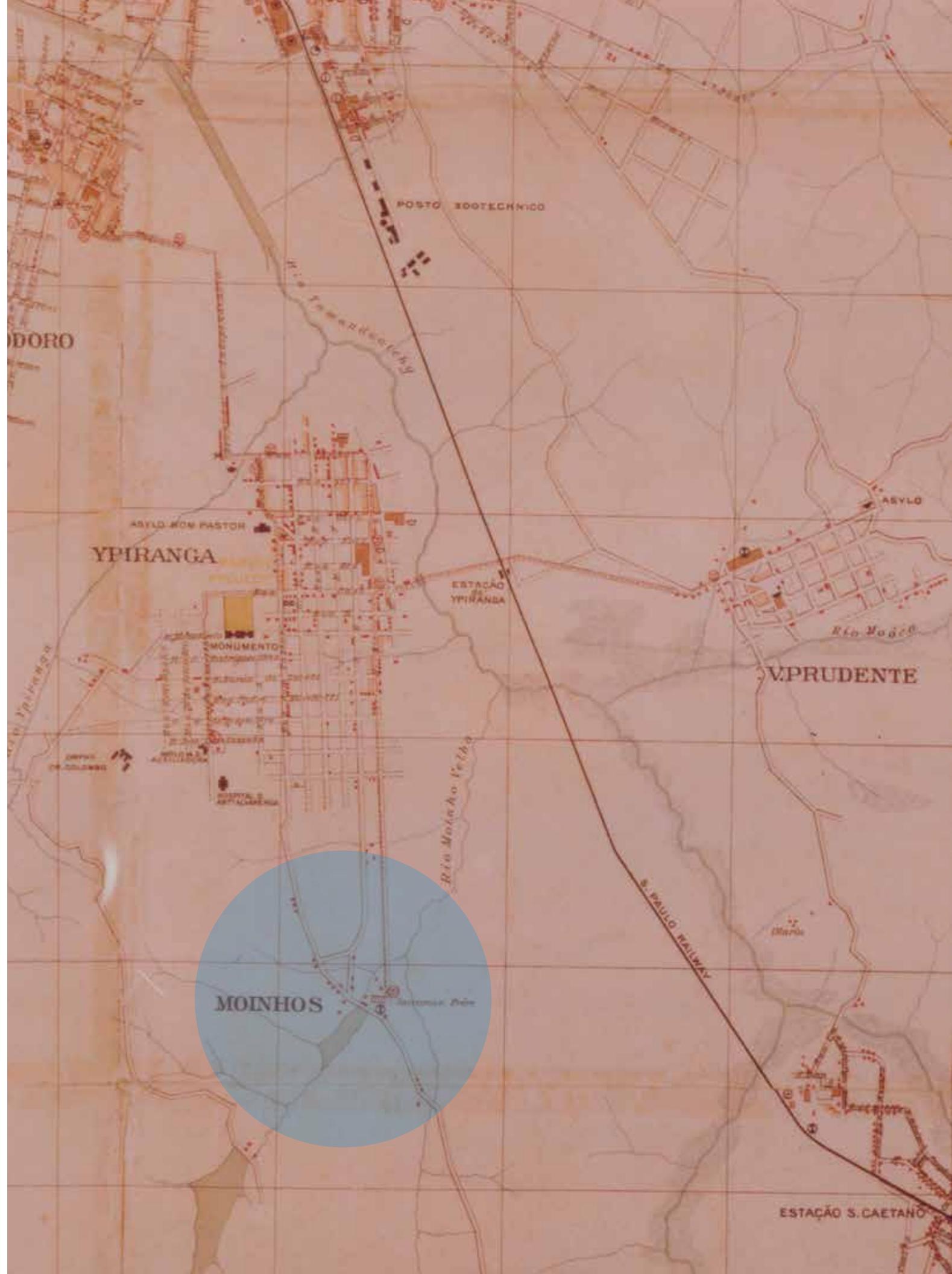
Além da ferrovia, as estradas para o litoral são pontos de interesse para entender a geografia do local escolhido pelos Saccoman. O entroncamento das únicas duas vias para Santos -- o Caminho Velho (Estrada das Lágrimas) e posteriormente, o Caminho do Mar (Via Anchieta) -- determinam a ocupação da região, conectam o Sacomã com a região do ABC (que na década de 1940 passou a ser uma região de concentração industrial cada vez mais significativa) e com o Centro da cidade, pela Estrada do Vergueiro, desenhando características importantes da sua inserção na metrópole paulistana. Como será apresentado, o Sacomã se consolidará, ao longo do século XX, como a entrada e saída da cidade, com uma grande movimentação de pessoas, uma região onde se cruzam diversos caminhos de São Paulo.

moinhos

Na primeira década do século XX, a região onde os Saccoman se instalaram para iniciar sua produção ainda possuía uma ocupação esparsa, com chácaras e pequenas construções particulares, de onde era possível vislumbrar na paisagem o monumento do Ipiranga, erigido em 1895. Aquele território ficou conhecido como a Região dos Moinhos, ou região do Sítio do Moinho Velho. Segundo o anúncio veiculado em agosto de 1954, no Correio da Manhã, o nome vinha justamente do moinho de amassar argila utilizado durante a virada do século XX pela fábrica dos Saccoman, instalado à margem do córrego que ganhou o mesmo nome.



Adaptado do Mapa da Comissão
Geographica e Geológica, 1914.
Acervo histórico Municipal.



a primeira lagoa

O Córrego do Moinho velho atravessava o Ipiranga desde o Rio Tamanduateí e chegava até a Estrada do Cursino, onde se dividia em outros cursos d'água menores. No mapa elaborado por Roberto Mertig em 1921 (página 43), é possível visualizar a dimensão deste elemento na região do Sítio do Moinho Velho.

No represamento do Córrego, no lugar que também era conhecido como o “Tanque dos Saccoman”, estava o primeiro grande corpo d'água da região. Segundo o mesmo anúncio de 1954, os franceses se instalaram às margens do lago, com a indústria do outro lado da rua, ao final da Rua Bom Pastor, em um casarão -- que figura nas fotos da publicação, ao lado de grandes edifícios de São Paulo que também receberam produtos da cerâmica, como a Estação da luz -- à frente de um grande jardim.

O lago do Moinho Velho foi utilizado frequentemente pela família francesa até a década de 1920. No ano de 1929, segundo um histórico publicado no Site do Clube Atlético Ypiranga, o clube instalou sua sede naquele terreno, chamado também de



*Casarão da família Saccoman. Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/449867450251575039/?lp=true>*



*Lagoa do Córrego do Moinho Velho,
década de 1910 (?)
(SOARES, 2007, p.34)*

OS IRMÃOS SACOMAN



ANTOINE



HENRI



ERNEST

... chegaram a São Paulo, há 14 anos antes da Proclamação da República, trazendo da França — ou mais precisamente, de Marselha — os conhecimentos herdados de seus ancestrais — a fabricação de telhas e outros produtos de terracota. Naquele tempo, Marselha, o lendário império do Mediterrâneo, chegava a exportar para o mundo todo cerca de meio milhão de telhas por dia, salientando-se dentre elas a precciosa quantidade das afamadas telhas "Sacoman — Marselha". Indulgidas de larga visão, vislumbraram desde logo a pujança econômica da América e, recaindo em São Paulo as suas simpatias, para cá emigraram. Não foi um mar de rosas o início das suas atividades!... O que aqui conseguiram foi a custo de inauditos sacrifícios!... Instalaram-se a princípio no bairro de Agua Branca, onde só ficaram um ano, visto não lhes ter satisfeito a argila ali encontrada. Mudaram-se a seguir para Osasco, onde também permaneceram uns anos, por motivos similares. As argilas "do morro", tal como se usavam em Marselha, eram naquelas tempos totalmente desconhecidas para os nacionais, que só conheciam o "barro de balsa", de modo que as pesquisas tacham que ser realizadas por eles próprios, sem qualquer ajuda ou indicações técnicas, senão as ditadas pela própria experiência. Não desanimaram, no entanto e, de pesquisa em pesquisa, vieram a descobrir nos terrenos do Moinho Velho, bairro do Ipiranga, a argila que buscavam. Transferiram então suas modestas instalações para um galpão arrendado, situado onde é hoje a Rua do Manifesto e, pela Estrada de Mato Grosso, hoje Rua Silva Bueno, iam buscar a argila de que precisavam nos terrenos do Moinho Velho, a trezentos metros da Arvore das Lágrimas. Para que se tenha noção das dificuldades da época, basta dizer que esse transporte era feito em cãculos, carregados em carro de boi...

Deslumbrados com a riqueza das jazidas do Moinho Velho, cujas argilas, de ótima qualidade e plasticidade, eram ainda melhores do que as que conheciam em Marselha, os irmãos Sacoman instalaram mais uma fábrica, também em galpão arrendado, ali perto na Vila Prudente. Logo após, com não pequenos sacrifícios, adquiriram as jazidas do Moinho Velho, cerca de dez alqueires de terra e, assim, em 1895, estava formada a empresa "Estabelecimento Cerâmico Sacoman Frères" e nascia no Brasil mais um ramo industrial com o aproveitamento de suas riquezas naturais!

Já naquele tempo os produtos "Sacoman Frères" do Ipiranga entraram a rivalizar com seus similares de Marselha, só então importados, tendo franca aceitação; assim é que ainda hoje vemos telhados em que se misturam telhas "Sacoman Frères — Marselha" e "Sacoman Frères — Ipiranga". Ainda há pouco, na demolição do antigo Palácio do Governo, no Pátio do Colégio, constatou-se o que vem de ser afirmado. Essa franca aceitação tanto mais se acentuava quando, no final do Século XX, a São Paulo Railway construiu a sua obra monumental — a Estação da Luz — obra-prime de engenharia da época. Visitantes de todas as partes se deliciavam embusados diante daquela grandiosidade! Pois bem... telhas "Sacoman Frères — Ipiranga" foram os materiais cerâmicos empregados naquela construção que, ainda não há muitos anos, suportou bravamente o embate de um violento incêndio, sem que se desnaturalizasse a sua estrutura; a Estação da Luz lá continua de pé, com a mesma galhardia com que viu os primeiros alvures do Século! Como essa, outras obras de vulto vêm passar dezenas de anos numa demonstração inofensível de qualidade e durabilidade.

Aos poucos, a designação popular foi modificando a denominação do bairro que, de Moinho Velho, passou a ser "Sacoman", como até hoje é conhecido. Aliás, já em 1913, quando a "Light" levou suas linhas de bondes até a Rua Silva Bueno, às proximidades da fábrica dos Irmãos Sacoman, o bairro tinha essa denominação.

Essa a homenagem do povo aos que ajudaram a construir a grandeza de São Paulo!

A essa altura os irmãos Sacoman haviam mandado da Europa as suas famílias e, aqui instalados em modestas casas nos arredores da fábrica, viram nascer seus filhos. Posteriormente, por volta de 1923, construíram eles, defronte à fábrica, um grande edifício de linhas clássicas, todo cercado de enormes e bem tratados jardins, às margens de um lago natural, que não só atendia às suas inclinações des-parlitas, como antenava o romantismo latino na estética de seu conjunto. Algo disso ainda existe!

Com o término da primeira grande guerra, sobreveio um hiato nas construções em São Paulo, provocando grandes dificuldades para os irmãos Sacoman... António, o mais idoso, portanto o seu chefe, veio a falecer em 1921. Logo após, em 1922, seus irmãos Henri e Ernest vendem a indústria e regressaram à terra natal, deixando amigos em todas as camadas sociais, que os admiravam e respeitavam como trabalhadores que cresceram e prosperaram com São Paulo, que viveram vida laboriosa e honrada, ganhando e deixando ganhar, e sempre ajudando aos mais humildes e menos favorecidos da fortuna.

O moinho de rodas, que deu nome e fama ao bairro do Moinho Velho, e que era tocado pelas águas do córrego que atravessava a antiga e atual fábrica, já não amassa mais barro... A primitiva instalação transformou-se... E' hoje uma grande, próspera e moderna indústria, onde se fabrica tida uma extensa linha de produtos de terracota ou, como são mais conhecidos, produtos de cerâmica vermelha.

Mas a atual empresa, composta de homens não menos batalhadores, respeitando e venerando aqueles que a iniciaram, presta-lhes a homenagem merecida, conservando-lhes o nome em sua denominação:

Cerâmica **Sacoman S.A.**

Capital: Cr\$ 10.000.000,00
Seção de Vendas: Rua São Bento, 289 — 2.º Andar — Telefones: 33-4455 — 33-4227 — 36-3610
Fábrica e Administração: Avenida das Lágrimas, 71 — Telefone 2-8195
Sua Posal 256 — Endereço Telegráfico: "TERREA COTÁ" — São Paulo

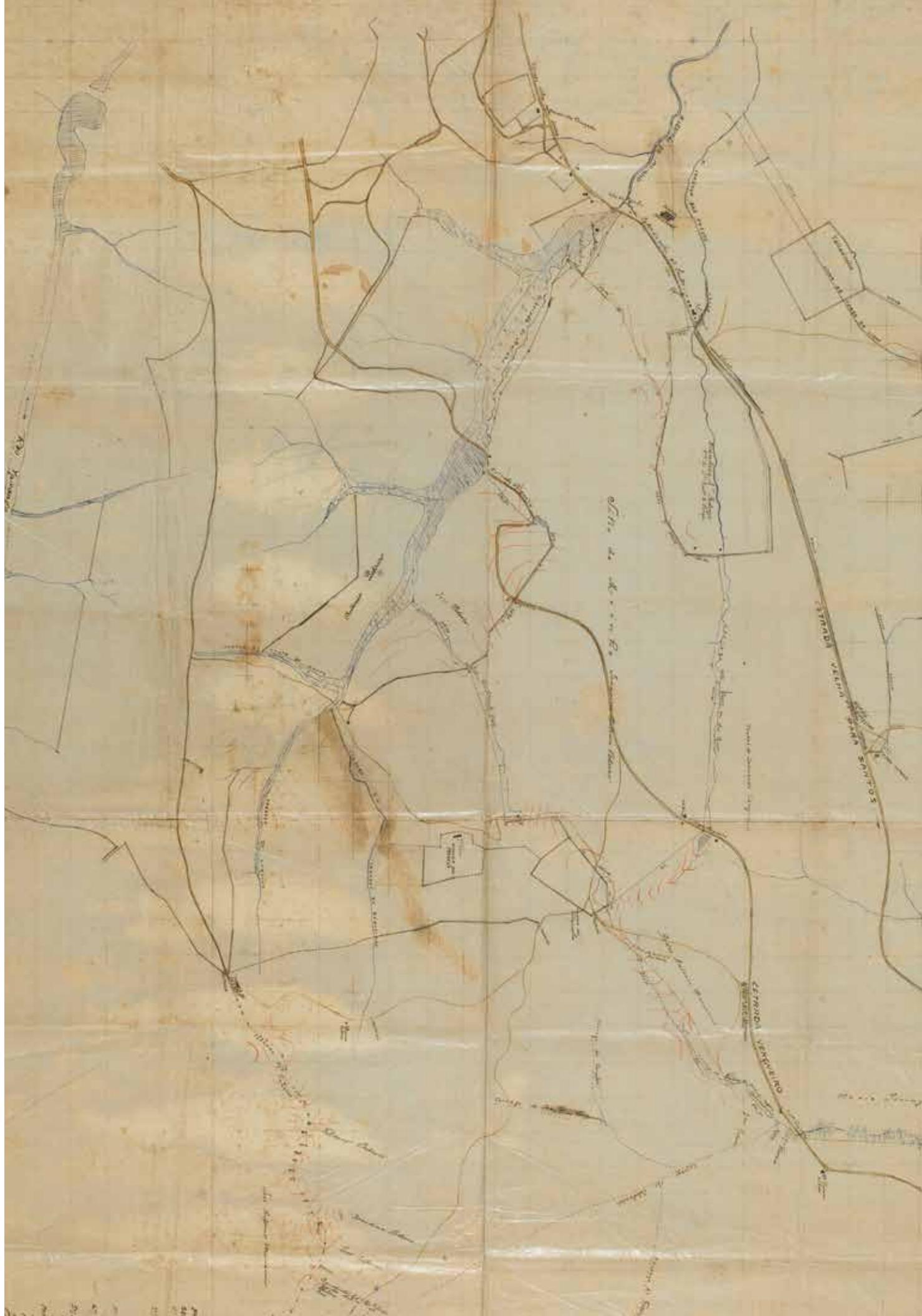
Anúncio da Cerâmica
Sacoman S.A.
(Correio da Manhã, ago/1954)

“Parque Sacoman”, usufruindo daquela paisagem, com seus esportes náuticos e campos de futebol na várzea do córrego. Algo dessa paisagem ainda está presente na toponímia do Sacomã, pois o traçado da região conservou os nomes da Rua do Lago e da Rua do Parque.

terra

A posse da terra nas redondezas do sítio do Moinho Velho naquela altura é incerta e fragmentada: as cartografias apresentam diversas mudanças nos nomes dos proprietários. O fenômeno da especulação sobre as áreas das chácaras situadas nas regiões de São Paulo ao redor do núcleo central, resultado da crescente urbanização no começo do século XX (e que formará o primeiro cinturão de bairros centrais), pode ser uma explicação para a grande quantidade de documentos cartográficos que estão tratando da demarcação, divisão e aquisição de terrenos, pelo menos até a década de 1930.

Nestes mapas, é possível identificar a presença de diversos proprietários: como os Alvares Penteado (no Heliópolis), a Família Pedroso (sítio do Moinho Velho), a ordem católica Mercedária (chácara das Mercês), os Langechard e os Marianno, além de algumas famílias com propriedades menores, mais ao sul da região. Muitos dos nomes que a cartografia apresenta estão preservados na toponímia dos córregos, ruas e avenidas da região.



Mapas do sítio Moinho Velho, demarcando a partilha de terras. Década de 1920.

Acervo MPUSP, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_das_Terras_do_Garapoava,_S%C3%A3o_Merc%C3%AAo,_Tabo%C3%A3o,_Ourives_e_Outros_-_1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Reprodu%C3%A7%C3%A3o_de_Planta_S%C3%ADtio_Moinho_Velho_-_1_\(1\).Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Reprodu%C3%A7%C3%A3o_de_Planta_S%C3%ADtio_Moinho_Velho_-_1_(1).Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg)

SITIO VELHO VELHO

MARTILHA DOS BENS DE ANTONIO JOSE REDROSO

CONFORNE INVENTARIO PROCESSADO EN 1881 -

Escala 1: 12500



SITIO DOS OURIVES

ESTABELECIMENTO VELHO DO VELHO

TERREIRA ROZZA

TERREIRA VELHA

SITIO VELHO VELHO
TERREIRA VELHA

TERREIRA VELHA

SITIO DO MOINHO
TERREIRA VELHA

SITIO VELHO VELHO

SITIO CARAGUATA
TERREIRA ANTONIO REDROSO

SITIO VELHO VELHO
TERREIRA ANTONIO REDROSO

ANNA ROZI

TERREIRA VELHA

OCUPACAO VELHA

samarone

Com o falecimento de Antoine Saccoman, o irmão mais velho, os franceses vendem a cerâmica e retornam para Marselha. Em 1923, o imigrante italiano Américo Samarone, funcionário que fez carreira dentro da cerâmica, assume o estabelecimento e com ele, as terras dos Saccoman.

Samarone também participa da especulação na região do Moinho Velho, comprando e vendendo terras, promovendo loteamentos e incentivando novas ocupações. Dentre elas, ainda na década de 1920, a Vila Sacoman, localizada entre as estradas para o litoral. Nos projetos para obras de residências para o novo empreendimento, dois deles se encontram no acervo da FAUUSP. São casas econômicas de alvenaria aparente, de autoria do arquiteto Victor Dubugras. (REIS FILHO, 2005, p.88).

urbanização

É possível inserir a abertura dos loteamentos no Sacomã, promovidas por Américo Samarone, no circuito de produção urbana de São Paulo na virada do século XX. Em seu trabalho sobre a produção habitacional na região do Brás e da Mooca, Luciana Gennari constrói um panorama sobre o tema, considerando diversos portes de investidores, que representavam diferentes interesses sobre a terra urbana e sua especulação.

Ao articular interesses do capital empresarial às investidas de urbanização e promoção de infraestrutura para grandes áreas, pelos grandes investimentos de proprietários particulares e empresas de urbanização, Gennari desmente o argumento de que a expansão da cidade de São Paulo foi produzida ao “acaso”, sem lógica. Entretanto, ao entender que os grandes loteamentos não são os únicos modos de produção do espaço, ela considera os empreendimentos pontuais, de naturezas diversas, que contemplaram boa parte dos vetores de expansão da cidade.

Alguns estudos apontam modos de produção do espaço que, como este próprio, indicam esses processos parciais de transformação do tecido urbano e da construção na cidade. Essas formas de produção espacial se traduziam em grandes ou pequenos loteamentos produzidos para todas as camadas da população. Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, algumas dessas atividades empreendedoras do capital privado, cuja ação se dava através dessas empresas loteadoras, foram responsáveis pela construção de diferentes padrões de áreas residenciais para atender às diferentes necessidades de uma população urbana crescente.

(GENNARI, 2005, pp. 35-36)

Além desse trabalho sobre os bairros do Brás e da Mooca, a relação entre indústria e mercado imobiliário nas menores escalas de urbanização é esudada também no caderno organizado para o Canteiro Aberto na Vila Itororó, reiterando que esse movimento se repete em muitos outros locais da cidade de São Paulo. Nele, a partir da trajetória de Francisco de Castro, português proprietário e construtor do conjunto da Vila Itororó, Sarah Feldman e Ana Castro (2017) afirmam:

Esse tipo de associação não se dava apenas entre os grandes capitalistas e por meio de grandes glebas, mas estava capilarizada na sociedade. Desde o pequeno proprietário que constrói uma casa a mais em seu lote, passando pelo pequeno investidor que ergue um conjunto de casas geminadas num bairro que se industrializa, até um grande loteador – como foi o pai de Oswald de Andrade, dono das terras que deram origem ao bairro de Cerqueira César –, estrangeiros e brasileiros tiram proveito daquele momento de expansão econômica e de crescimento demográfico. O construir para alugar torna-se um dos investimentos mais seguros na cidade, situação que permanece até a aprovação da Lei do Inquilinato, já no contexto do Estado Novo.

(CASTRO; FELDMAN, 2017. p. 25)



Praça Barão de Studart, igreja São Vicente de Paula e esquina no bairro do Moinho Velho. 2019.

As praças em forma de rotatória são preservadas desde o projeto de 1935. Diversos imóveis também preservam as platibandas adornadas em suas fachadas, principalmente nas esquinas.

Fotos: acervo pessoal.

Planta para “Vila Moinho Velho”, 1935.
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_da_Vila_Moinho_Velho_-_1_\(3\),_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP_\(cropped\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_da_Vila_Moinho_Velho_-_1_(3),_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP_(cropped).jpg)

*Planta da cidade de São Paulo,
1929.
Arquivo histórico Municipal*



*Rua Alencar
de Araripe, no
bairro do Sa-
comã, 2019.
Fotos: acervo
pessoal.*

Além da Vila Sacomã, outros loteamentos começaram a ser projetados entre o Ipiranga e a região de São João Clímaco. Dentre elas, a Vila Heliópolis e a Vila Moinho Velho. Para esta última, então propriedade de Olavo Tavares Paes, foi possível encontrar diversos projetos de loteamento no acervo cartográfico do Museu Paulista. A Vila Moinho Velho se instala rapidamente nos anos 1930 e já figura no mapa de 1954 com diversas residências construídas, dispostas no traça-

do que está maioritariamente preservado até os dias atuais.

Heliópolis, por sua vez, tem uma expansão diferente. Segundo Cláudia Soares (2010), o bairro tem sua origem em um conjunto de 36 casas para trabalhadores de uma chácara, pertencente à família Álvares Penteado, pelo menos, até a década de 1940, quando a área foi adquirida pelo IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários), ainda que não tenha sido ocupada pelo instituto.

A grande área foi dividida entre diversas instituições, porém abandonada pelo poder público. Esse quadro de ociosidade dos terrenos possibilitou a ocupação por famílias carentes da região, mas que eram periodicamente submetidas a diversas remoções. Nenhuma cartografia encontrada mostra a implantação dessas moradias na região, salvo as primeiras casas geminadas, construídas pela Família Álvares Penteado, entre as décadas de 1920 e 1930. Somente em algumas cartografias mais recentes, após a expansão do bairro, é possível ver o seu modo de ocupação.

Esse movimento “ilegal” se modifica nos anos 1960 e 1970, quando famílias de diversas áreas da cidade são realocadas, pela própria prefeitura, para instalações “temporárias” nessa região. (SOARES, 2010, p. 36-39). O Conjunto dessas ocupações provisórias constituiu a partir daí a região que ganhou o nome de favela de Heliópolis. Até a década de 1980, esse núcleo já havia se expandido intensamente, tomando a área entre o Sacomã, Vila Prudente e ABC Paulista, uma grande região nos limites do município de São Paulo, com dinâmicas sociais e urbanas bastante diferentes em relação aos outros bairros mencionados nesta pesquisa.



*Praça d. Pedro,
Heliópolis, 1998.
(SOARES, 2010, p. 39)*

linha fábrica

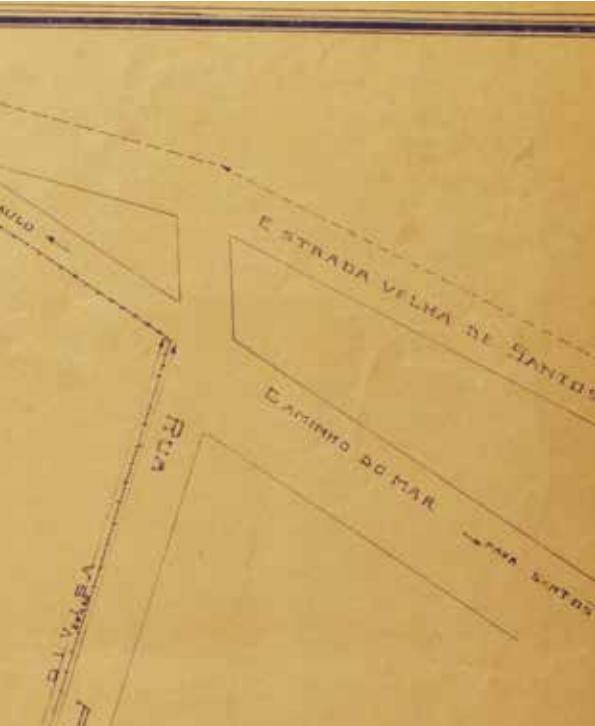
O desenvolvimento urbano da região foi simultâneo ao aparecimento de novas infraestruturas. Já em 1913, a Companhia Light inaugurava a sua linha de bonde número 20, conhecida como Linha Fábrica, passando por toda a extensão da Rua Silva Bueno, conectando o Moinho Velho com as fábricas do Ipiranga, no Tamanduateí, continuando pelo Cambuci até o centro da Cidade, chegando na Praça João Mendes. Posteriormente, compartilhando os mesmos trilhos da Silva Bueno, desceria a linha Heiópolis, que ao final daquela rua, desviava até a região do morro onde estavam as casas da Chácara da família Álvares Penteado.



Acervo MPUSP, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_de_Terrenos_no_Ipiranga_Adquiridos_pelo_Srs_Am%C3%A9rico_Samarone_e_Olavo_Tavares_Paes_-_1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg

A movimentação de passageiros no *Ponto Fábrica*, como era chamado o terminal da linha, transformou a Rua Silva Bueno em centro comercial expressivo. Samarone também participou no fomento dessa atividade no Sacomã. Na cartografia de 1935, em terrenos pertencentes ao dono da cerâmica, cortados pelas linhas de força do bonde, aparecem alguns "Sobrados e Armazéns", que se estendem pelas duas primeiras quadras da Rua Silva Bueno e que até hoje possuem alguns estabelecimentos voltados para ela.



tijolo e telha

Os *sobrados e armazéns* do mapa de 1935 são outra iniciativa de investimento no mercado imobiliário por parte do italiano Américo Samarone. Eles podem ser o único vestígio arquitetônico da ocupação da Cerâmica Sacoman que resistiu à expansão do bairro. Construídos com tijolos e telhas de cerâmica, esse conjunto edificado, tombado na resolução 14/2018 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), em 2018, ainda resguarda consigo um pouco da paisagem construída daquela esquina de São Paulo.

O uso da alvenaria aparente, mais do que oportuno, era intencional. Na mesma cartografia, podemos ver muros cercando as propriedades dos Saccoman, que também foram erguidos em alvenaria cerâmica. O conjunto, somado ao casarão da família, era formado por uma série de *edifícios-catálogo*, mostrando

tudo o que era produzido no estabelecimento cerâmico. Nas palavras de bertelli:

A casa era, por si só, um mostruário dos produtos fabricados, com suas telhas planas e balcões ornamentados de peças de terracota.

(BERTELLI, 2009, p. 7)

Essa arquitetura-catálogo pode ser entendida como uma “propaganda” do estabelecimento, que tentava se colocar no mercado de produtos cerâmicos para construção, na primeira metade do século XX. Como observa Carlos Lemos (1985), a divulgação das novidades que giravam em torno desse novo material construtivo fazia parte de sua difusão em meio à elite cafeeira e industrial paulista. A partir do final do século XIX, há uma série de publicações sobre a alvenaria, que iam desde notícias de novas máquinas inglesas para otimizar a fabricação de tijolos, até oferecimento de mão de obra estrangeira, especializada na construção com alvenaria. (LEMOS, 1985, pp. 41-43).

O crescimento da cidade fomentou o setor da construção civil e consequentemente, a procura pelos produtos cerâmicos. A primeira grande indústria do ramo no Brasil foi inaugurada em Campinas, por Sampaio Peixoto, no ano de 1867. Antes importados, agora os tijolos estavam sendo fabricados em grande escala dentro do país. A publicidade nos jornais também foi uma estratégia utilizada por esse estabelecimento. Depois chegaram os Saccoman, importando a tecnologia industrial para a fabricação das telhas “marselhesas”. Entretanto, apesar da modernização e da propaganda, os grandes estabelecimentos cerâmicos tiveram que enfrentar a concorrência das pequenas olarias de barro, que estavam espalhadas em grande quantidade às margens dos rios Tietê e Pinheiros, sendo que elas foram as principais fornecedoras de tijolos para a maioria dos investimentos privados de São Paulo nessa época (LEMOS, 1985, p. 43). Infelizmente, não há um histórico sobre o mercado e a produção de telhas industrializadas em São Paulo. O que se sabe é que há notícias da utilização dos produtos dos Saccoman em algumas construções, como a Estação da Luz e as casas da Vila Itororó.



Conjunto de sobradinhos na Rua Silva

Bueno, 2019

Fotos: acervo pessoal



1954

Em 1954, ano do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo, A cartografia da Vasp já não apresenta mais o grande edifício industrial da Cerâmica Sacoman. Segundo Bertelli, a empresa encerraria suas atividades dois anos depois, fato que gerou algumas transformações importantes na região. Já em 1953, um ano antes da confecção do mapa, o Clube Atlético Ypiranga sofreu uma ação de despejo pela família Samarone, mudando-se para a sede atual, na Rua do Manifesto, no Ipiranga.

Nesse mesmo mapa, o Córrego do Moinho Velho já aparece com um leito bem menor, o que sugere a sua canalização, pelo menos na área que servia ao tanque dos Saccoman. Entretanto, há o aparecimento de um novo corpo d'água, à beira da estrada das Lágrimas, formada pela depressão da mina de extração de argila da indústria cerâmica, após 50 anos de funcionamento.

a segunda lagoa

É interessante notar como as relações com a água no Sacomã foram se transformando à medida em que a urbanização avançava. Enquanto o anúncio de 1954 rememora a primeira lagoa romanticamente, com o uso pelos esportes náuticos e uma paisagem aprazível, esse novo corpo d'água é retratado em notícias como um ponto de trágicos afogamentos, onde alguns jovens se aventuravam a nadar. É o caso da reportagem do dia 12 de agosto de 1960, da Folha de S. Paulo.

Numeras margens da via Anchieta e bem dentro da cidade, uma lagoa está a irradiar perigo e a exibir dupla personalidade. Se durante o dia ela é bonita e tentadora, transforma-se quando o dia morre em negra e tenebrosa. De noite, repele; de dia, atrai.

É a lagoa do Sacomã, cheia de lendas e superstições, a esta altura, nela já morreram 44 pessoas afogadas, entre crianças e adultos.

(Folha de S. Paulo, 12 de agosto de 1960, p. 16)

A reportagem segue, transmitindo o desespero dos moradores da região, que exigiam alguma ação rápida.

Um memorial com 13 mil assinaturas de moradores do Ipiranga foi entregue ao prefeito que, pouco tempo depois, comunicou haver dado um prazo de 90 dias, aos proprietários do terreno, para aterrinar a lagoa.

(Folha de S. Paulo, 12 de agosto de 1960, p. 16)



Foto aérea da região do Sacomã, 1958. Disponível em:

*[https://www.geoportal.com.br/
MemoriaPaulista/](https://www.geoportal.com.br/MemoriaPaulista/)*

A COLSAN AGRADECE

aos operários, funcionários e administradores das seguintes entidades, e sangue que doles já recebeu: Mercedes-Benz do Brasil, Elevarões Atlas, Indústria Caravelas, Ultrágás S.A., City Bank, Sotim, Consulado Americano, Indústria Sousa Neschese, Soell Pro-Pecuária S.A., Vidreira Santa Marina, Lanifício Filippo, Casa Mappin, Têxtil S.A. Indústria Metalúrgica, Cotonifício Guilherme Giorgi, Lanifício Minerva, Ind. Resinadas F. Matarazzo, Assembleia Legislativa e ao generoso povo paulistano, que de forma conmovedora tem atendido ao apelo da Colsan, quando sua unidade estacionava nas ruas contrárias.

DOAR SANGUE À COLSAN É SALVAR MUITAS VIDAS

FOLHA DE S.

Um jornal a serviço do

ANO XXXVI

★ 2.º caderno

São Paulo — Sexta-feira, 1

Agua cor de barro

BELA E TENTADORA DE DIA MAS TENEBROSA À NOITE, A LAGOA DO SACOMÃ JÁ MATOU 44

NUMA das margens da via Anchieta e bem dentro da cidade, uma lagoa está a irradiar perigo e a exibir dupla personalidade. Se durante o dia ela é

bonita e tentadora, transforma-se quando à noite em nebra e tenebrosa.

das e superstições, a esta altura. Nela morreram 44 pessoas afogadas, entre crianças e adultos. E também não são poucos os que viram "fantasmas" e "assombrasões" reunidos no terreno que a circunda. Muito já se falou a seu res-



Reportagem sobre a "Lagoa do Sacomã"

(Folha de S. Paulo, ago/1960)

expansão

A consolidação dos bairros de Heliópolis, Sacomã e Moiho Velho nas três décadas entre 1940 e 1970 acarreta diversas transformações realizadas no traçado urbano da região, resultado da expansão da metrópole paulistana e da opção rodoviária, como por exemplo as obras de pavimentação e duplicação da rodovia Anchieta.

Alguns imóveis importantes também sofreram com as mudanças. O "Castelinho dos Samarone", como ficou conhecido o casarão da família, foi demolido em 1969, após anos de abandono. Em entrevista à Folha de S. Paulo, publicada em 11 de março

de 1969, o casal Irineu e Adélia, que trabalhava para a família Samarone, relembrava alguns espaços da casa e do jardim, bem como a relação do Comendador com o Clube Atlético Ypiranga e o cotidiano da família.

"Era uma gente quieta" -- contam -- "que pouca festa dava, preferindo visitar a receber visitas. 'Seo' Américo era muito católico [...] Ele gostava muito de cachorros. Tinha vários"

[...]

"Agora, depois do inventário, o casarão ficou para o doutor Américo, que é o filho mais novo. Eles vão demolir para fazer aqui não sei bem o que" -- informa dona Adélia. E acaba por lamentar a derrubada do casarão e o fato de ter de ir com o marido para uma vila distante, depois de 20 anos de trabalho, sem aposentadoria [...] "Deus sabe que era a casa mais bonita que eu já vi, com seus móveis chiques e cortinas voando" -- conclui.

(Folha de S. Paulo, 11 de março de 1969, p. 13)

Está sendo demolido o casarão do comendador Sammaroni no Sacomã

O casarão do comendador Américo Sammaroni começou a ser demolido. Situado na margem direita da Via Anchieta, no bairro do Sacomã, durante quase 50 anos serviu de residência à família Sammaroni que o adquiriu da família Sacomã, em 1923, juntamente com a cerâmica que dá seu nome ao bairro. Até falecer, em 1926, o comendador Sammaroni ali residiu em meio a jardins e pomares que se estendiam porários alqueirões.

Ainda hoje o casarão chama a atenção quem se dirige a Santos, devido ao seu aparente abandono. O mesmo aspecto de meio século trás, com seus quatro pavimentos erguidos em cerâmica vermelha sem revestimento externo. Depois da morte do comendador os jardins foram invadidos pelo mato e a antiga beleza desapareceu. Nos seus tempos aureos, a residência exibia à sua frente o nome do proprietário, cortado nos arbustos de "buxinho", à moda das casas do interior. Nas fundas um colonizado



Reportagem sobre a demolição do Casarão da família Samarone
(Folha de S. Paulo, ago/1969)

Também no final da década de 1960, a lagoa formada no local da extração da argila deixou de existir. Foi aterrada, devido aos diversos casos de afogamento (BERTELLI, 2009, p. 8). Nas décadas de 1970 e 1980, o jardim e a área da lagoa configuraram a praça Altemar Dutra, onde, nos anos 2000, foi instalado o Terminal Sacomã.



Obras de pavimentação da Via Anchieta, 1941
Arquivo histórico Municipal.

o terminal

A partir da década de 1990, começa a ser idealizado um novo projeto de equipamento de transporte para atender a ligação leste/centro da cidade. O Fura-fila, como ficou conhecido, consiste em uma via expressa elevada para ônibus biarticulados que prometia encurtar o tempo de viagem -- de horas para minu-

tos -- entre o centro e os bairros da Zona Leste.

Segundo Silvia Fernandes (2012), à medida em que o projeto atravessava as gestões municipais, seu desenvolvimento apontou para a instalação do ponto final da linha no Sacomã, conectando também o ABC com o centro de São Paulo, centralizando as linhas de ônibus municipais de São Paulo e as linhas intermunicipais em um único equipamento de grande escala na região.

O histórico da execução das obras do Fura-fila, passando por 5 gestões municipais, é marcado por diversas interrupções, encarecimentos, mudanças e encurtamento de trajeto, bem como muitas desapropriações. Para receber o oficialmente nomeado Expresso Tiradentes, o Sacomã e o Ipiranga sofreram diversas mudanças intervenções na virada do século XXI. O alargamento e prolongamento da avenida Juntas Provisórias, a profusão de viadutos e alças de acesso, sobrepostos a canteiros de áreas verdes sem uso definido e, finalmente em 2004, a instalação do Terminal Sacomã na Praça Altemar Dutra, completam a transformação da região em um grande complexo de mobilidade urbana rodoviária.

Interessada nos impactos dessas grandes obras no comércio da região, Fernandes indica uma situação conflituosa, a partir de entrevistas e levantamentos junto aos comerciantes da Silva Bueno. A rua, que recebeu passageiros dos bondes e posteriormente, dos ônibus que levavam à diversos cantos da metrópole, “amanheceu vazia”. Segundo relatos, a centralização das linhas dentro do terminal causou um importante desvio no fluxo das pessoas e gerou impactos principalmente para o comércio rápido, não especializado, aquele que depende de fato do passageiro. (FERNANDES, 2012, pp. 139-140)

É interessante perceber que, mesmo com as transformações nas relações de uso e ocupação da cidade durante todo o século XX -- em especial, podemos citar as grandes mudanças na espacialização da indústria no Ipiranga e no ABC e o desenvolvimento dos novos bairros no sul do distrito do Sacomã --, a presença sistemática do transporte coletivo na região foi mantida e, com a chegada do terminal, até mesmo reafirmada, ganhando novas escalas. Para David Lynch (1960),

essas regiões configuram *pontos nodais* da cidade, lugares onde o indivíduo decide seu caminho dentro da metrópole, onde sua atenção estaria redobrada. O passageiro do transporte coletivo deixa de ser um mero transeunte e passa a ser um observador importante da região.

A junção ou o local de uma interrupção numa deslocação tem uma importância significativa para o observador de uma cidade. Uma vez que as decisões quanto à direção têm de ser tomadas nas junções de vias, as pessoas reforçam a sua atenção em tais locais, apercebendo-se dos elementos que a circundam, com uma clareza fora do normal.

(LYNCH, 1960, p. 84)

É certo que muitos fatores influenciam na nossa percepção da cidade. Mesmo Lynch percebe, por exemplo, que o metrô -- como o instalado no Sacomã em 2010 -- tem uma outra incidência sobre os cidadãos, ora se relacionando com a superfície, ora confundindo suas referências (LYNCH, 1960, p.86). Entretanto, é interessante pensar no passageiro também como um sujeito ativo no processo histórico de urbanização do Sacomã.



[https://www.cittamobi.com.br/
home/terminal-sacoma-onibus/](https://www.cittamobi.com.br/home/terminal-sacoma-onibus/)

Anexo: Mapas

Mapa 1 1895-1920

1. Estabelecimento Cerâmico Sacoman Frères



Deslumbrados com a riqueza das jazidas do Moinho Velho, [...] instalararam mais uma fábrica, [...], ali perto na Vila Prudente. Logo após, com não pequenos sacrifícios, adquiriram as jazidas do moinho velho [...], assim, em 1895, estava formada a empreza 'Estabelecimento Cerâmico Sacoman Frères'.

Anúncio da Cerâmica Sacoman S.A.
(Correio da Manhã, ago/1954)

2. Represamento do Córrego do Moinho Velho (ou dos Moinhos)

3. Primeira ocupação esparsa, com algumas construções

4. Mina de extração de argila (depressão)

5. Árvore das Lágrimas



Comissão
Geográfica
e Geológica,
1914.

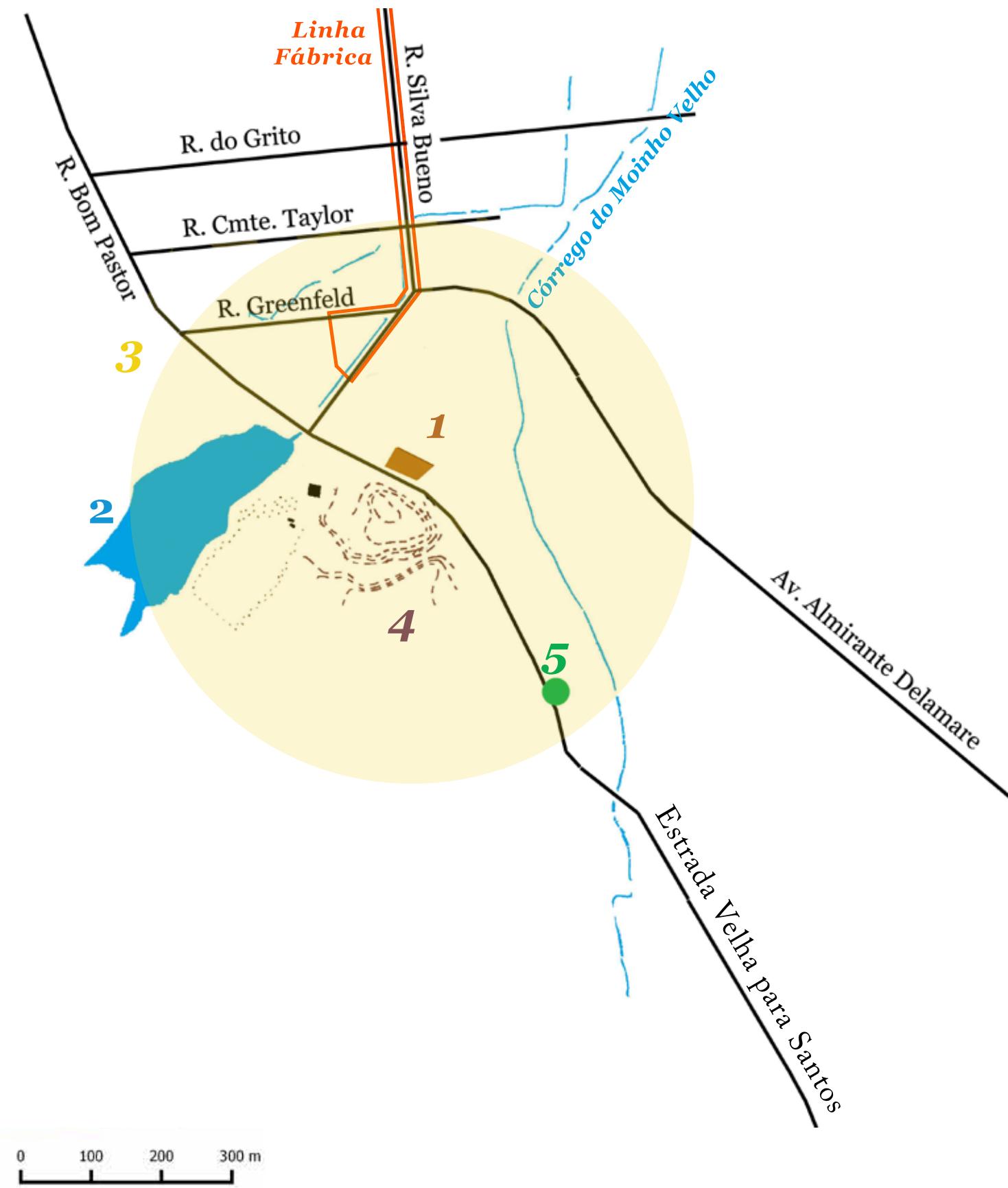
Lagoa do Córrego do Moinho Velho,
década de 1910 (?)
(SOARES, 2007, p.34)



Base cartográfica:

Comissão Geographica e Geológica, 1914 e SARA BRASIL, 1930.

(Redesenhado por Mateus Merighi Cuconato, 2018.)



Mapa 2 1920-1930

6. Villa Heliópolis

Essa área fazia parte do Conjunto Residencial Vila Heliópolis, no Sítio Moinho Velho. As casas geminadas da Família Álvares, nesse local, abrigavam primeiramente em 1920/40 os empregados que trabalhavam no sítio da família [...] Essas casas ocupavam lotes com áreas de 141 a 697 metros quadrados e estavam no local onde é hoje o Hospital Heliópolis [...] A tipologia habitacional existente eram casas térreas, sobrados isolados ou geminados com uma boa construção, todas essas casas tinham dois dormitórios, banheiro e cozinha.

(SOARES, 2010, p. 36)



7. Casarão e Jardim da Família Saccoman

Posteriormente, por volta de 1921, construiram eles, defronte à fábrica, um grande edifício de linhas clássicas, todo cercado de enormes e bem tratados jardins, às margens de um lago natural, que não só atendia às suas inclinações desportivas, como acentuava o romantismo latino na estética de seu conjunto.

Anúncio da Cerâmica Saccoman S.A.

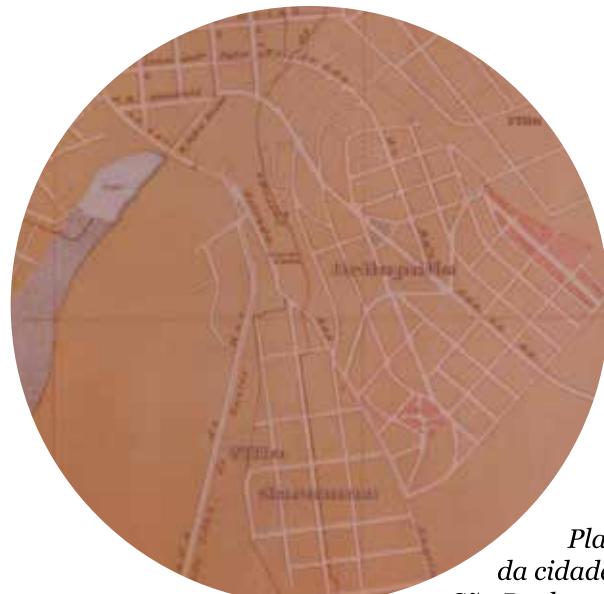
(Correio da Manhã, ago/1954.)



https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_de_Terrenos_no_Ipiranga_Adquiridos_pelo_Srs_Am%C3%A9rico_Samarone_e_Olavo_Tavares_Paes_-_1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg

*. Américo Samarone compra as terras dos Irmãos Saccoman

“A cerâmica passou mais tarde a ser dirigida por Américo Pascoalino Samarone, antigo funcionário da empresa...”
(BERTELLI, 2009, p. 8)



Planta
da cidade de
São Paulo, 1929.
Arquivo histórico Municipal

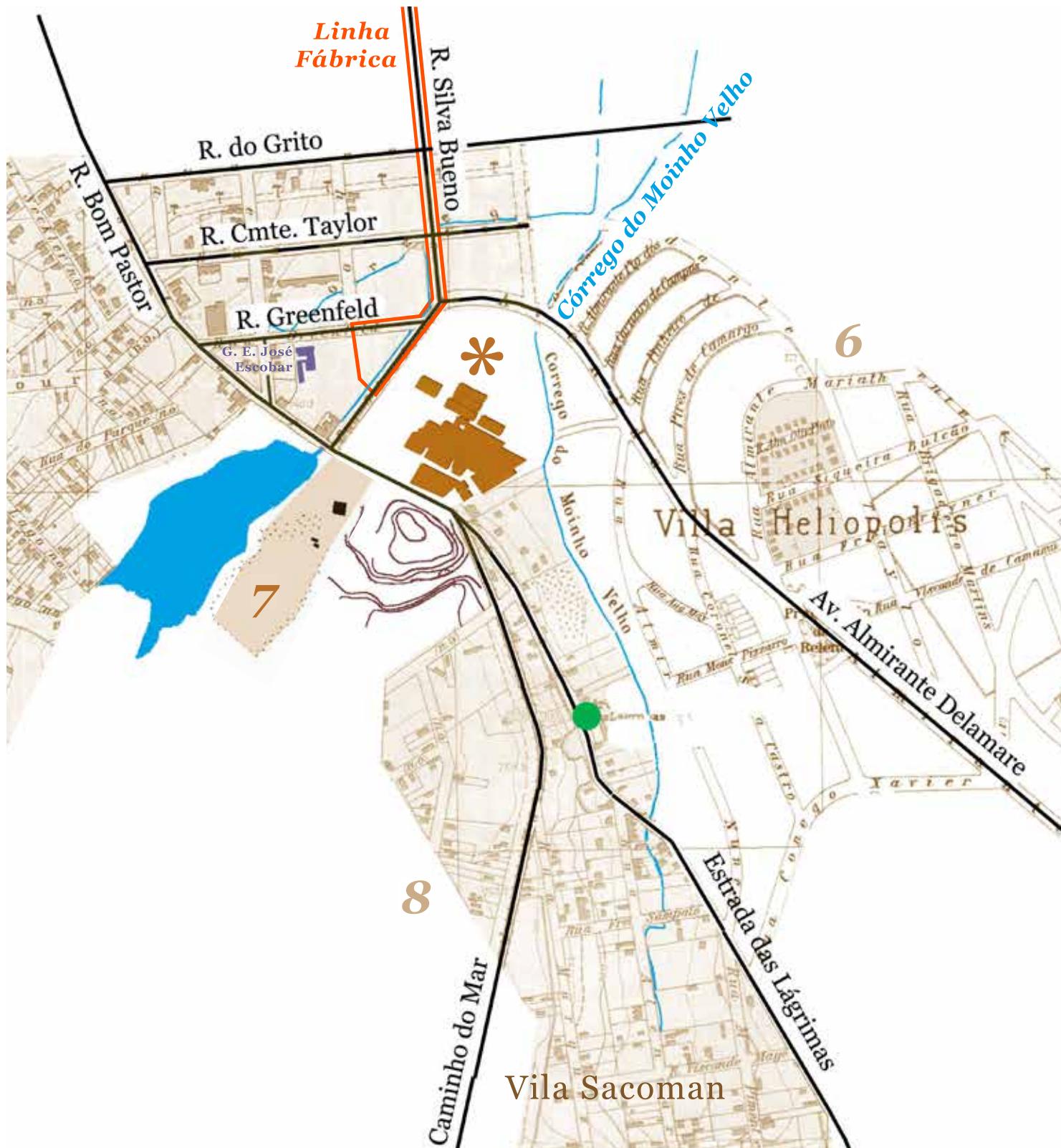
8. Villa Sacomana

O loteamento da Villa Sacomana aparece desenhado em 1928 na cartografia, mas só ganha esta nomenclatura no mapa de 1929.

Base cartográfica:

SARA BRASIL, 1930.

(Redesenhado por Mateus Merighi Cuconato, 2018.)



Mapa 3 1930-1935

9. “Sobrados e Armazéns”

No documento apresentado anteriormente, de 1935, o conjunto destacado no mapa é desenhado como “sobrados e armazéns. Talvez um dos únicos vestígios arquitectônicos da influência dos Saccoman na região, foi tombado na resolução 14/2018, pelo Conpresp. Não há nada sobre o histórico destes edifícios no processo de tombamento.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_de_Terrenos_no_Ipiranga_Adquiridos_pelos_Srs_Am%C3%A9rico_Sammarone_e_Olavo_Tavares_Paes_-_1,_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg



Foto: Google Street View

10. Vila Moinho Velho

Apesar de não aparecer no mapa de 1930 (SARA BRASIL), A vila Moinho Velho já era imaginada desde a década de 1920, como mostram alguns projetos de implantação, também do acervo do MPUSP. De fato, o Projeto que se consolida é de 1935, na propriedade de Olavo Tavares Paes.

Planta para “Vila 7 de Setembro”, 1921.
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a5/Planta_da_Villa_7_de_Setembro_-_1%2C_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg/1024px-Planta_da_Vila_7_de_Setembro_-_1%2C_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg



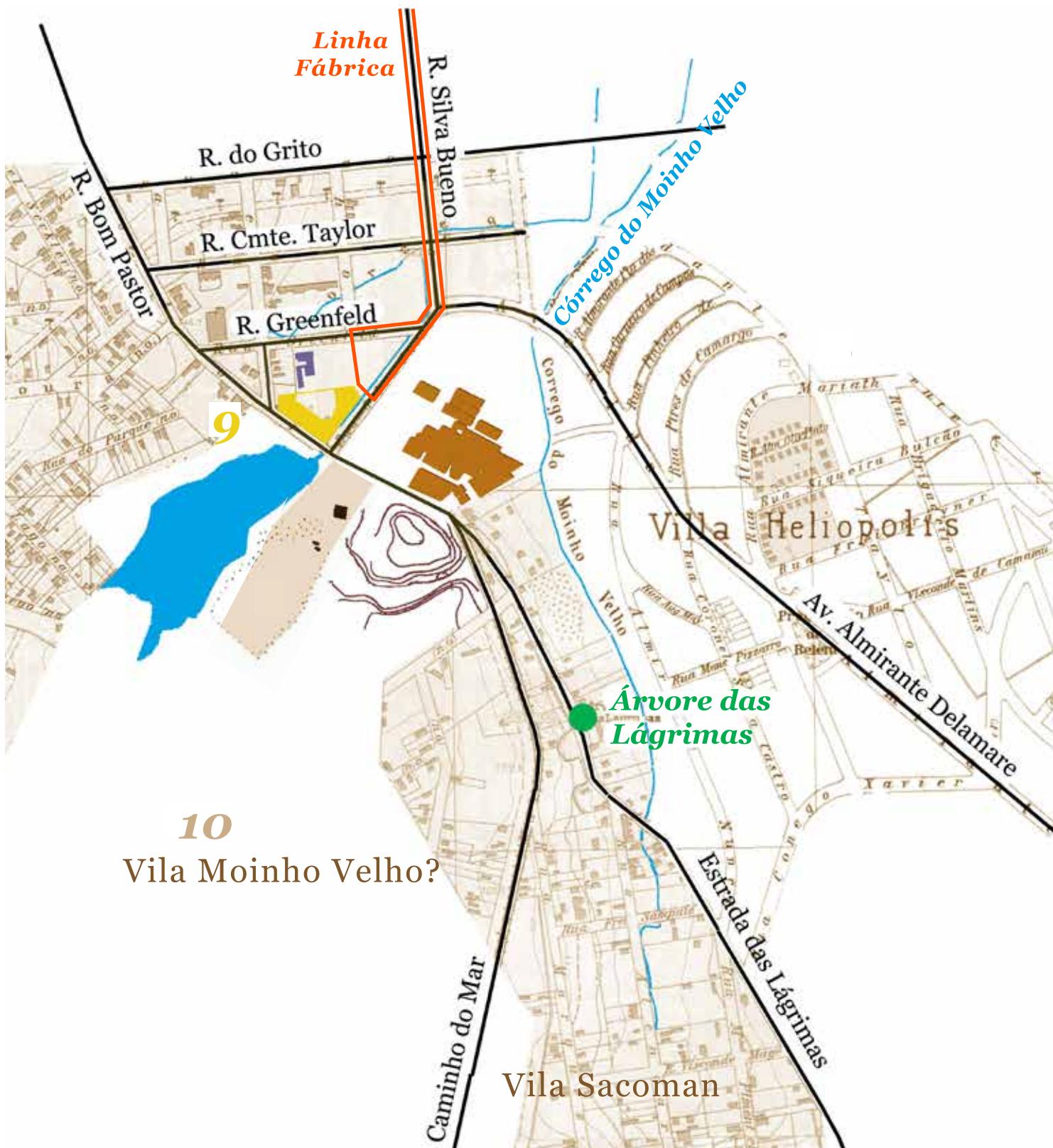
Planta para “Vila Moinho Velho”, 1935.
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_da_Vila_Moinho_Velho_-_1_\(3\),_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP_\(cropped\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_da_Vila_Moinho_Velho_-_1_(3),_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP_(cropped).jpg)



Base cartográfica:

SARA BRASIL, 1930.

(Redesenhado por Mateus Merighi Cuconato, 2018.)



0 100 200 300 m

Mapa 4 1954

10. Vila Moinho Velho: Implantação e Urbanização

Com projeto de 1935, a Vila Moinho Velho já aparece loteada e com uma urbanização avançada no Mapa da VASP CRUZEIRO, de 1954. A cidade também avança sobre a Vila Sacoman, mas não sobre Heliópolis, que terá a sua explosão urbana na década de 1970 (SOARES, 2010).

11. Ação de Despejo CAY

A década de 50, foi um divisor de águas para a saga Ypiranguista. No ano de 1953, o CAY foi despejado do Parque do Sacoman - por meio de uma ação judicial movida pela família proprietária do terreno. Após o episódio, mudou-se para duas salas cedidas pelo CDR São José.

(Disponível em: <http://www.cay.com.br/historia>)

12. Lagoa no lugar da mina de Argila

Pode ser vista no mapa VASP CRUZEIRO, de 1954. Nos diversos relatos de blogs e comentários, a lagoa gerada pela inundação do buraco da mina de argila dos Saccoman aparece na memória de muitos, principalmente como um lugar perigoso onde jovens se acidentavam ao mergulhar.

13. Córrego do Moinho Velho canalizado

Na cartografia de 1954, o lago do Moinho Velho já não aparece, sendo que o córrego aparentemente estaria canalizado. Atualmente, esse vale é ocupado pela Presidente Tancredo Neves, outra via expressa que rasga a região do Sacomã.

14. Encerramento e Demolição da Cerâmica Sacoman S.A.

A cartografia de 1954 já não representa o edifício da Cerâmica, entretanto Bellingieri (2005) afirma que a cerâmica encerrou suas atividades em 1956. Em fotos aéreas de 1958, disponíveis no site www.geoportal.com.br/memoriapaulista/, só é possível encontrar a lagoa na mina de argila, o casarão com seus jardins e o conjunto tombado, este último remanescente até hoje.

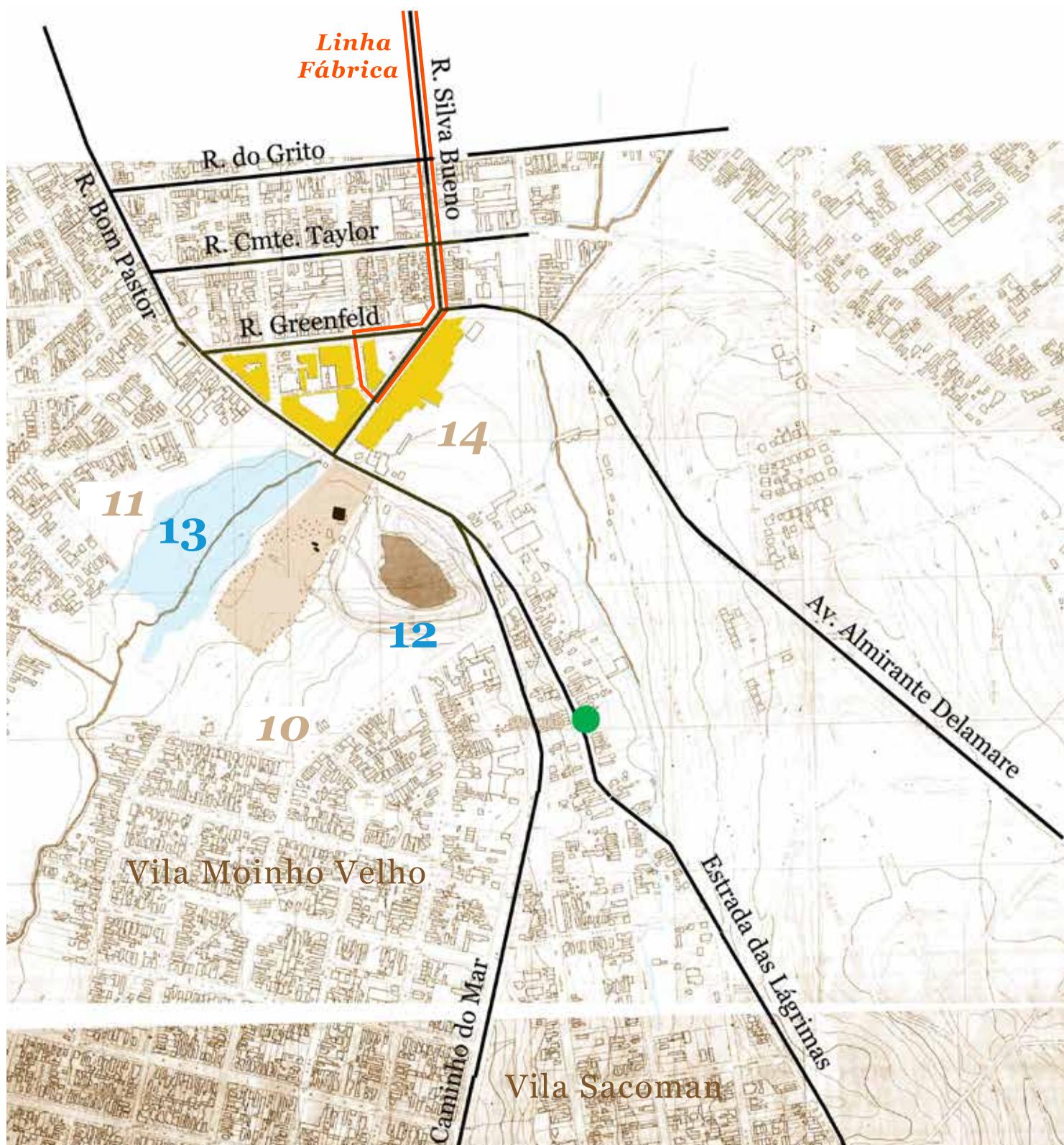


[https://www.geoportal.com.br/
MemoriaPaulista/](https://www.geoportal.com.br/MemoriaPaulista/)

Base cartográfica:

VASP CRUZEIRO, 1954.

(Redesenhado por Mateus Merighi Cuconato, 2018.)



0 100 200 300 m

Mapa 5 1960-1990

15. Expansão do Bairro Heliópolis SOARES, 2010.

16. Aterramento da Lagoa (Mina de Argila)

A lagoa da mina foi vista principalmente como um lugar perigoso onde jovens se acidentavam ao mergulhar, segundo memórias e relatos encontrados. Justamente por esse motivo ela teria sido aterrada na década de 1960. (BERTELLI, 2009)

17. Demolição do Casarão Samarone

Além do edifício da cerâmica, também o Casarão dos Saccoman (e posteriormente dos Samarone) foi demolido, em 1969, segundo a reportagem de março/1969 da Folha de São Paulo. A reportagem apresenta relatos de dois trabalhadores da casa, que contam da convivência com a família Samarone e descrevem brevemente os espaços da residência.

**Está sendo demolido o casarão do
comendador Sammaroni no Sacomã**

*Jornal Folha de S. Paulo,
11/março/1969.*

18. Duplicação da pista: Via Anchieta

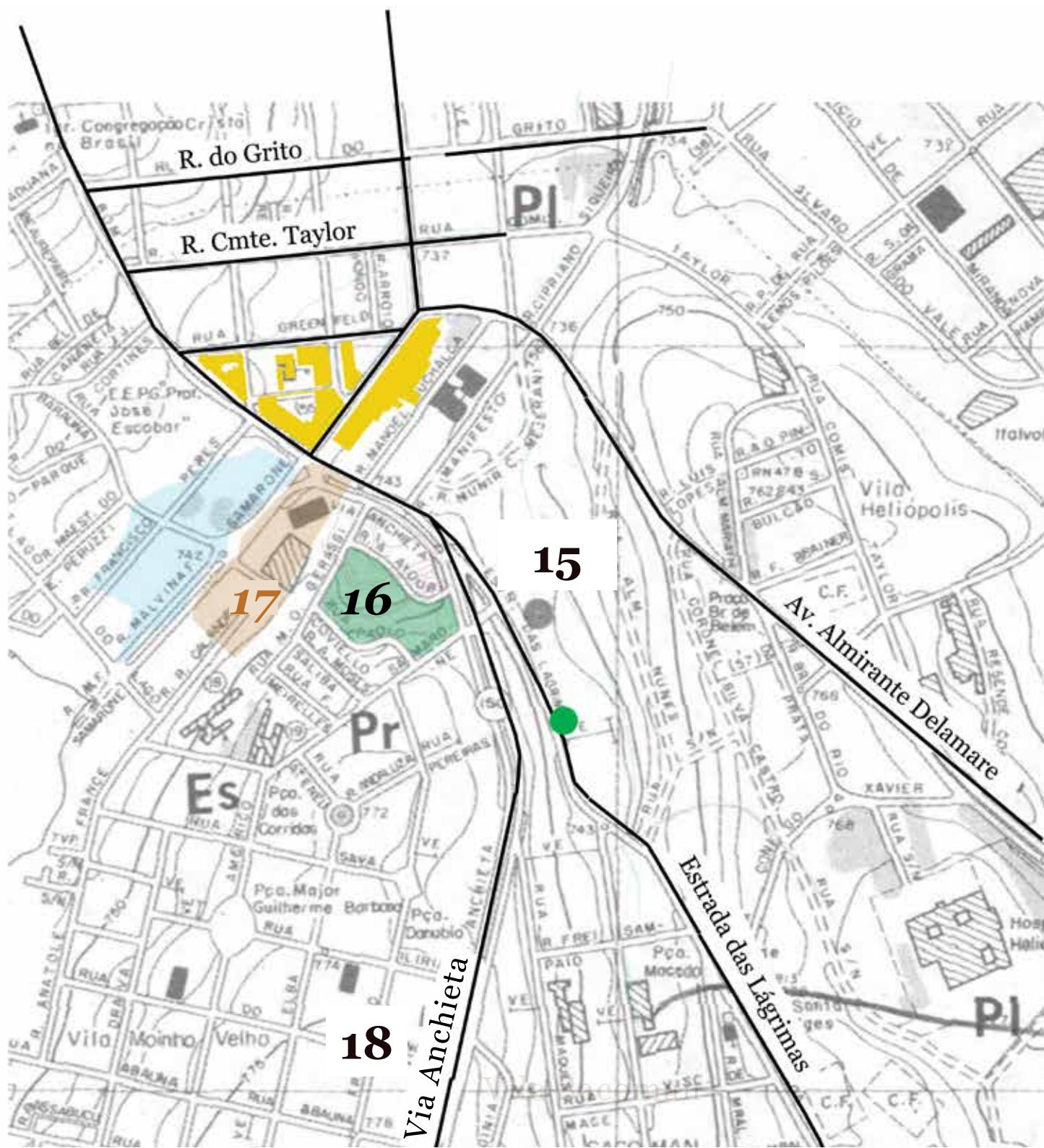


*Trecho urbano da Via Anchieta, com pista duplicada, em S. Bernardo do Campo, 1971. Disponível em:
<https://fotos.estadao.com.br/galerias/acervo-na-estrada,25436>*

Base cartográfica:

PUBLICAÇÃO GEOSAMPA, 1988.

(Redesenhado por Mateus Merighi Cuconato, 2018.)



0 100 200 300 m

Mapa 5 2007-

- 19. Expresso Tiradentes**
- 20. Prolongamento da Rua das Juntas Provisórias**
- 21. Viadutos e conexões elevadas:**
- Praça Monte Azul Paulista**
- 22. Terminal Sacomã**

Sílvia Fernandes traz o histórico de desenvolvimento do Projeto Expresso Tiradentes em sua dissertação de Mestrado, desde sua idealização em 1996, na gestão Celso Pitta, até a implementação do Terminal Sacomã, em 2007. Além disso, Fernandes direciona seu trabalho para os comerciantes da rua Silva Bueno, entendendo os impactos de mais de 10 anos de obras na região. Novamente, a descrição da paisagem e de sua apropriação, agora não tão agradável, aparece nos relatos dos entrevistados:

E com o novo terminal foram implantadas mudanças significativas: todas as linhas de ônibus intermunicipais passariam a fazer seu ponto final no terminal Sacomã, as linhas que ligavam o Ipiranga ao Parque Dom Pedro I foram substituídas pelo Expresso Tiradentes e as demais linhas circulares foram revistas, com itinerários mais objetivos a fim de otimizar os tempos de viagem.

Conforme exposto pelos comerciantes, a rua Silva Bueno esvaziou. Todos os entrevistados relataram, em tom assustador, que as pessoas sumiram.

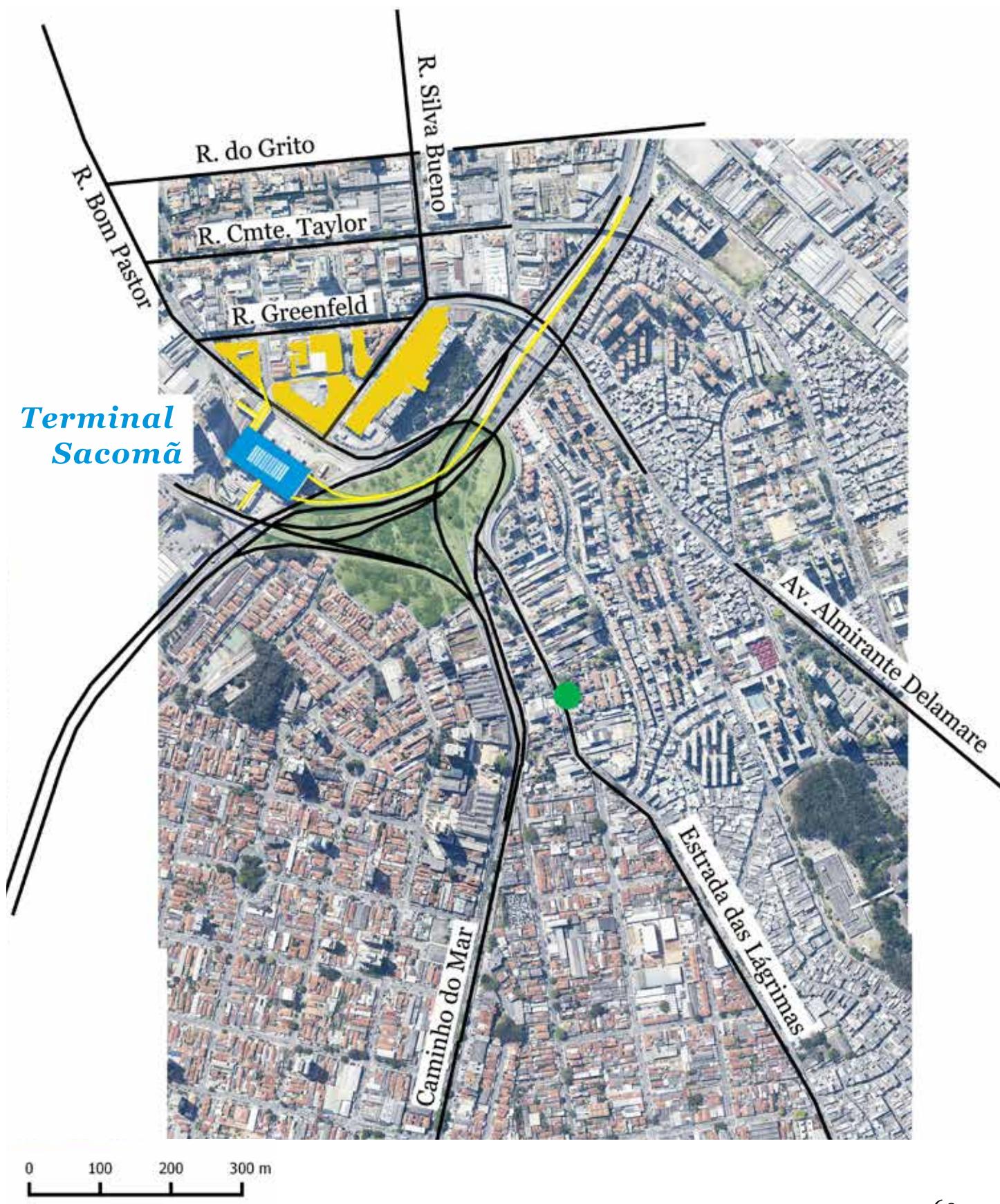
(FERNANDES, 2012, pp. 139-140)

A região do Sacomã, com a incidência abrupta do Terminal, parece muito mais recortada e de difícil compreensão. As distâncias caminháveis e as relações de usos da cidade também se modificaram, em sintonia com as intensas transformações urbanas.

Base cartográfica:

Geosampa, 2017.

(Redesenhado por Mateus Merighi Cuconato, 2019.)



Anexo: Blogs

Todos os textos a seguir foram retirados do site www.saopaulominhacidade.com.br, um projeto multimídia de coleta de relatos sobre os bairros de São Paulo.

Cerâmica Sacomã

Autor(a): J. C. Oliveira

História publicada em 10/05/2012

Caminhando pela Avenida 24 de outubro (Porto Ferreira - SP), no mês de maio de 2006, veio uma lembrança que na década dos anos de 1950/1960 gozando férias escolares, tempos esses que estudava no Grupo Escolar Visconde de Itaúna, tendo como colega de classe entre outros o então menino José Carlos Visconti filho do empresário produtor de panetones.

Eu J. C. Oliveira, os “manos” Rubens e Ademir, o meu tio Brás e tia Deolinda íamos para Porto Ferreira visitar a tia Venâncio que moravam na Avenida 24 de outubro bem próximo do abandonado “viradouro”, dispositivo essencial que servia para manobrar as locomotivas tanto a “Maria Fumaça”, como as locomotivas elétricas, que em seguida se engatavam aos vagões e seguiam viagem, retornando tinham como ponto de partida a Estação da Luz - SP.

Dito isso, quero dizer que residindo no bairro de Vila Carríoca, o meio de viajar para o interior de São Paulo era bem prático, era embarcar no trem suburbano na estação Vemag (Tamanduatéi), descer na Luz, embarcar em outro trem de passageiros e em quatro horas e meia chegávamos à Porto Ferreira, ouvindo o som emitido pelos vagões que estavam passando pelos trilhos. “Café com pão, manteiga não, café com pão, manteiga não”. Bem, essa era a minha impressão!

Falando de telhas francesas, olhei para um velho galpão da Cia. Paulista de Estrada de Ferro totalmente destelhado, segundo informações: o referido galpão vai ser reformado e transformado em um teatro. Aliás, é uma boa ideia, pois aqui não temos nenhum teatro.

Por curiosidade dei uma olhada nas telhas amontoadas e fiquei surpreso, isto porque na telha havia a inscrição (nome) "Antoine Sacoman", datada em 1889, daí em uma associação de pensamentos recordei que existia uma indústria cerâmica, a Cerâmica Sacomã, bem no início da Via Anchieta com a Estrada das Lágrimas.

Cerâmica essa que eu conheci, recordo-me também de

A fábrica e a loja da Visconti ficavam na rua Labatut, no Ipiranga. A fábrica se mudou mas a loja permanece, do outro lado da rua, número 860.

O discurso negativo em torno da Lagoa do Sacomã -- a segunda, resultado da extração de argila pela Cerâmica -- se repetiu diversas vezes durante a pesquisa, seja nos jornais da época, seja nos relatos. Ela recebeu também outros apelidos, sempre remetendo aos casos de afogamento.

que a argila era transportada por carroças, argila essa que era retirada de uma grande jazida que ficava do outro lado da Via Anchieta já indo para a Rua Américo Samarone. Nesta empresa trabalharam tios, tias, primos e também o meu pai Benedicto Osório de Oliveira, revendo documentos acabei achando uma folha da carteira profissional, na qual tem um registro de admissão.

O local que a cerâmica extraía a preciosa argila se transformou em uma lagoa, e não sei por que lhe deram o nome de: "Lagoa Boca da Onça", sendo que muitos jovens com intuito de nadar morreram afogados, como eu não sabia nadar escapei de uma provável tragédia.

Segundo a história, a expressão "feita nas coxas" é originária em razão das telhas produzidas no Brasil serem produzidas nas coxas dos escravos, e que não eram telhas de boa qualidade, eram tortas e de difícil fixação no madeiramento.

Com a vinda do imigrante italiano Américo Samarone e também os irmãos Antoine, Henry e Ernest de Marselhe (França) isso mudou.

Na época o meio de transporte urbano usado era o famoso bonde aberto, depois o bonde camarão, sendo que a maioria dos motorneiros e cobradores era de origem portuguesa. O tempo passou e como passou, os bondes foram desativados, vieram os ônibus e brevemente a linha do Metrô estará interligando todo o complexo de transporte urbano da capital de São Paulo.

Alguns textos levantados durante a pesquisa trazem essa expressão “feito nas coxas”, ao falar das telhas fabricadas antes das inovações trazidas pelos Saccoman. Entretanto, segundo o artigo de José La Pastina Filho (2006), professor de arquitetura na UFPR e superintendente Regional do IPHAN no Paraná, não há registros de que as telhas fossem moldadas dessa forma. A frase seria derivada da “não padronização” e das “diferenças de qualidade entre os incontáveis fabricantes” de telhas, como se elas fossem deformadas porque eram feitas pelos escravizados (as), ou porque suas coxas fossem deformadas (2006, p.17-18).

Ipiranga III

Autor(a): Laer Passerini

História publicada em 28/02/2008

Que tal lembrarmos um pouco de mais duas características do Bairro do Ipiranga que infelizmente não mais existem para nos servir? Os bondes e os cinemas!

Os bondes eram “abertos” ou “fechados” (popularmente “camarões”). Existiam 3 linhas, Ipiranga (4), Fábrica (20) e Heliópolis (21). Todos vinham pelo Bairro do Cambuci (Ruas da Glória, Lavapés e Independência) e adentravam ao bairro pela majestosa Avenida D.Pedro I.

Na altura do Monumento do Ipiranga, os bondes Fábrica e Heliópolis acessavam as Ruas Tabor, Sorocabanos e Silva Bueno (lembrem da “subida da Juta”!) e se dirigiam ao Sacomã. O bonde Ipiranga subia pela Rua Bom Pastor (e que subida!), e retornava pelas Ruas Moreira e Costa e Moreira de Godói.

Em geral as viagens eram rápidas e seguras, salvo por algum transtorno eventual nos trilhos. Havia um vocabulário próprio ligado a este tipo de transporte, “limpa trilhos”, “manivela”, “motorneiro”, avisos como “prevenir acidentes é dever de todos”, propagandas tradicionais como a do “Rhum Creosotado”, e nos bondes “abertos”, a figura acrobática do cobrador, equilibrando-se nos estribos, fazendo troco e através de alavancas registrando as operações num tipo de caixa circular colocada ao alto do veículo.

O bairro também era bem servido por um bom conjunto de cinemas, tínhamos o Ipiranga Palácio, D.Pedro I, Paroquial, Anchieta, Samarone, Maracanã e Soberano.

Sessões diárias, filmes duplos, jornais (lembrem do “Canal 100”), “trailers”, desenhos, “matinés” e seriados domingueiros.

As “chanchadas” da Atlântida faziam a grande alegria do pessoal mirim e adulto (os mocinhos: Oscarito, Grande Otello, Ankito, Cyll Farney, Anselmo Duarte, Eliana, etc., contra os sempre bandidos: Renato Restier, Wilson Gray, José Lewgoy, etc.).

[...]

É isso aí minha gente, o tempo passa.

- □ X

Já no título percebemos como a região do Sacomã e o bairro do Ipiranga estão historicamente relacionados.

- □ X

O cobrador e o registro das passagens do bonde é uma imagem forte em diversos relatos.

Andei no fura fila

Autor(a): J. C. Oliveira

História publicada em 28/11/2008

O tempo passa, e na capital as coisas vão se transformando. Ouvi falar muito no tal de "fura fila". Dois anos atrás, passando pelo bairro do Sacomã, presenciei parte da construção do terminal, localizado na Praça Altemar Dutra. A viagem durou poucos minutos, das 8h58 às 9h10 horas.

[...]

Mas, falando do fura fila, foi uma ótima idéia esse tipo de corredor rodoviário. Da estação Sacomã até o Parque Dom Pedro foram quinze minutos. Certos trechos do corredor são elevados e fiquei observando a quantidade de galpões industriais existentes em todo percurso. Dentre outros, vi o prédio antigo da Antartica, podendo ser considerado como patrimônio pelas características da construção. Alguns trechos do ramal continuam sendo construídos; enfim, obras para o futuro prefeito dar continuidade. Na volta, desci na Rua do Grito, fui andando pela Rua Amadis, e daí... cadê a Rua Aída? Pelo que vi, a referida rua foi toda desapropriada para dar continuidade à linha do metrô.

Retornei à Rua Albino de Moraes; esqueci que a minha tia Deolinda tinha falecido. Por uns instantes, passou um filme na cabeça, e relembrei os anos de 1950, quando iniciamos a construção de nossa casa, e por ali vivia brincando. Fui andando pela Rua Abatixi, Avenida Carioca, Bairro Heliópolis, Estrada das Lágrimas, Rua Alencar de Araripe, Rua Salvador Pires de Lima. Como de costume, apertei a campainha da residência do tio "Claudionor Viola", nome artístico, e Claudio Lazari, o verdadeiro cônjuge da tia Ana Pereira Tangerino, músico-compositor que foi parceiro do "Pirassununga", mas quem abriu a janela foi o primo Fernando, que foi logo dizendo: "O meu pai faleceu dia 21 de novembro de 2007". Fato este que fui saber dia 24 de outubro de 2008.

Toda vez que passava na casa dele, a primeira coisa que fazia era pegar seu velho violão e cantarolar uma nova melodia. [...] Ao meu tio "Claudionor Viola" as minhas homenagens póstumas.

[...]

Outro comentário recorrente é sobre a grande eficiência do Expresso Tiradentes, em detrimento dos transtornos e dos impactos que a sua instalação teve nos bairros adjacentes. Como mostra Claudia Soares (2012), foram dez anos de obras intermitentes, encarecidas, com diversas desapropriações e mudanças no traçado urbano.

—□×

Vila Nossa Senhora das Mercês, antiga Vila dos 40

Autor(a): J. C. Oliveira

História publicada em 10/09/2008

Vila Nossa Senhora das Mercês, antigo bairro cuja denominação foi Vila dos Quarenta. Como todos os bairros da periferia da capital de São Paulo, não tinha infra-estrutura, como rede de água e também rede de esgoto.

Muitas residências usavam os tradicionais "cata-ventos", que movimentavam as bombas para captação de água para consumo humano. Aliás, sabia-se que tais casas tinham os cata-ventos em razão de ter um galinho em cima do telhado; de acordo com a rota do vento, o dispositivo mudava de posição.

Este bairro, acima referido, e adjacências, tinha pontos altos. Muitas cisternas chegavam a ter 40 metros de fundura para conseguir o precioso líquido. Bombas de várias marcas eram adquiridas pelos proprietários, tais como Rimer, Paulo e Yara. As bombas Yara eram fabricadas na Avenida Padre Arlindo Vierra, bem próximo do 26.^º Distrito Policial - Sacomã.

[...]

Como já foi apresentado, a Vila das Mercês é um bairro ocupado mais recentemente, ao sul do distrito. Apesar disso, boa parte de seu traçado viário já figura na cartografia de 1930. Anteriormente, já havia a Chácara das Mercês e uma capela, que aparecem na cartografia de 1921 de Roberto Mertig. A ordem católica Mercedária, ainda está presente, com a paróquia -- construída em 1959, numa localização diferente daquela capela --, o seminário, a creche e o colégio.

Estrada das lágrimas

Autor(a): J. C. Oliveira

História publicada em 03/11/2008

Fui visitar a minha genitora, já com as suas oitenta e duas primaveras no jardim da vida. Depois de uma boa conversa, resolvi andar a pé pelas ruas do Jardim Botucatu, passando pela Vila Nossa Senhora das Mercês, Avenida Tancredo Neves e o Ponto Fábrica; foi uma boa caminhada.

No inicio da Rua Bom Pastor ainda existe uma oficina de alfaiate. Entrei e conversei um pouco com o dono da alfaiataria; daí lembrei do meu tio Valentim Tangerino que confeccionava calças para o "Pedrão Alfaiate", e que nesses tempos acabei aprendendo chular as costuras internas. O que me deixava irritado era quando tinha que chular calças de brim.

Passou um filme na minha cabeça. Via-me andando pelo

O cinema e o futebol figuram na maioria das memórias que estão apresentadas nesse trabalho. O Cine Samarone e os campos de futebol entre o Ipiranga e o Moinho velho reconstróem um pouco do cenário do lazer para os moradores e frequentadores do Sacomã.

Ponto Fábrica, comprando partituras para acordeão; vi o bonde aberto, ao mesmo tempo o bonde camarão; o Cine Samarone; o castelo da referida família, no início da Via Anchieta; a Cerâmica Sacomã; o local em que retiravam argilas que ficou conhecida por "Boca da Onça"; a casa de show do ilustre "Uccho Gaeta".

O campo de futebol de chão batido próximo da Rua Américo Samarone, e, em sua volta, um enorme arvoredo - talvez fossem eucaliptos -, local em que assassinaram uma moça por nome de Lídia, e a famosa "Árvore das Lágrimas". Na Rua Bom Pastor tinha a Gráfica Linel, indústria especializada em produzir folhinhas e calendários; a indústria que fabricava condutores elétricos não existe mais.

Tudo diferente, lógico. A Rua Silva Bueno totalmente desfigurada: prédios pichados, estavam construindo o terminal do tão famoso "Fura Fila", viadutos ligando a Via Anchieta com Avenida Juntas Provisórias. Eu queria tirar uma foto da "Árvore das Lágrimas", circulei pela esquerda da Via Anchieta, acabei saindo na Avenida Almirante Delamare. Ali, uma gleba de prédios, favelas; não consegui encontrar a árvore. Estava indo no sentido do Hospital Heliópolis. Pensei: não tem importância, outro dia voltarei e vou tirar uma foto.

Fui seguindo por uma avenida que liga o bairro Heliópolis à Estrada das Lágrimas e vejo a igreja Santa Edwiges. Na ocasião, era uma pequena capela, atualmente bem ampliada para abrigar os devotos. Próximo da igreja tinha um ferro-velho, local em que eu ia vender cobre, alumínio, ferro, garrafas etc.

Certa vez, um dos donos do ferro velho foi linchado na Rua Albino de Moraes, e o outro escapou ileso.

Entrando na Rua Alencar de Araripe, recordei que morei por ali. Tudo diferente, na época sem asfalto, passava um riacho que depois foi todo coberto. Caminhando pela Alencar, achei a casa dos meus tios, Cláudio e Ana.

Um bom papo com os tios e primos, um café, é hora de retornar até o Jardim Botucatu. Segui a pé, passando pela Via Anchieta, 26^a. DP, Avenida Padre Arlindo Vieira, e vamos nós. É assim mesmo: o tempo vai passando e os arquivos da mente voltam à tona.

